CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

AGOSTINHO DE CEUTA



AGOSTINHO DE CEUTA

CAMILO CASTELO BRANCO

TEATRO

Esta obra respeita as regras

Do Novo Acordo Ortográfico

PRÓLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Há doze anos que um rapaz, sem leitura, sem meditação, sem crítica, nem gosto escreveu um drama para ser representado em teatro de província.

Confessava ele mesmo no prólogo que lera quatro dramas originais portugueses, e alguns do Arquivo Teatral. Que ignorância e que atrevimento!

O drama fez gemer o prelo e o senso comum. Saiu donde nunca tinha saído coisa melhor nem pior: das tipografias de Bragança.

Oh! Que berço!

Depois, o aleijadinho teve o desplante de vir até ao Porto sobre uma mula de almocreve, e por aí ficou tolhido, não se sabe quantos anos, na Casamata de um livreiro que o comprou a peso.

Parece que a traça, compadecida do miserando, o comeu. É certo que, doze anos depois, um editor infeliz tem a aziaga tentação de editar Agostinho de Ceuta, e chega até ao desatino de comprar a propriedade do mostrengo.

O autor medita um instante antes de responder, e faz pé atrás doze anos na sua vida. Lembra-se das alegrias e quimeras daquele tempo, lembra-se de que, ao escrevê-lo, se julgou - não direi Shakespeare ou Malfieri, porque ele então não conhecia de nome sequer essa gente - mas julgou-se pelo menos um dramaturgo que tinha jus a impingir a leitura da sua tragédia à família, e aos vizinhos:

Assim que via gente logo lá corria

E o fatal cartapácio lhe empurrava.

Tenho hoje dó das vítimas que imolei então ao meu orgulho de dramaturgo. Sobre todas, há um Luís de Bessa Correia em Vila Real, que ainda hoje me faz chorar o coração, como ele então chorava de riso.

Querem ver um rasgo de humildade, de modéstia, de desprezo das minhas próprias aspirações literárias?

Consenti que a coisa se reimprimisse, sem a minha certidão de idade apensa.

Quem sabe se não é este livro, escrito em 1846, menos tolo que outros escritos em 1858?

PERSONAGENS

Infante D. Pedro

Agostinho de Ceuta

D. Manuel de Melo

Duque de Cadaval

Fr. Garcia de Melo - Inquisidor-geral

Fr. Leonardo de Santa Justa- 2º Inquisidor

Fr. Luís das Chagas - Escrivão da Puridade

Fr. Amado Vieira - Familiar do Santo Ofício

Henrique de Miranda- Ministro da privança de D. Afonso VI

Conde de Castelo-Melhor - Ministro da privança de D. Afonso VI

D. Leonor de Melo

Soror Constança da Natividade

Soror Porteira

Oficial do Santo Ofício

Carcereiro

Uma Aia de D. Leonor de Melo

Sete fidalgos portugueses, soldados, frades e religiosos.

A cena é Lisboa e Évora.

ACTO PRIMEIRO

A PREPOTÊNCIA

É noite. - Salão da casa de D. Manuel de Melo. Reposteiros armoriados; decoração magnificente.

CENA I

D. MANUEL de Melo, dormindo sobre um rico escabelo; e AGOSTINHO de Ceuta, dormitando, com a cabeça descaída sobre a mão direita, em frente de D. MANUEL.

- Silêncio apenas interrompido pela pendida de um relógio de parede.

AGOSTINHO, levantando-se e espreguiçando-se

Este termo médio entre vigília e sono, é desagradável; e desagradáveis me são mistérios, onde represento misteriosamente... Aqui há um problema, cuja solução cabe ao ponteiro deste relógio! As dez horas vão soar. É triste este silêncio: é majestoso o clarão daquelas luzes! Parecem todas de trintanário! Devo espevitá-las: - não é isto das atribuições do pajem, mas o homem é filho das circunstâncias... (Espevita-as, e, assombrado, pega de uma carta de sobre a mesa). Uma carta para D. Leonor de Melo!

Isto é extraordinário!.. Aberta, e pregada com o selo de el-rei! (Abre, e lê com sobressalto).

“Uns olhos ternos e amadores não podiam ver-vos impunemente. A minha real câmara tem testemunhado os suspiros amorosos, que me arrancais do peito. Paixão como esta não podia morrer no indiferentismo, nem nas distrações: - é muito violenta! Ê forçoso que eu vos ame, e confesse a necessidade, que tenho de encontrar-vos no meu real aposento, onde sereis conduzida pelos meus circunspectos validos, e fiéis privados, Conde de Castelo-Melhor e Henrique de Miranda. Aguardai-os no primeiro salão da vossa casa, às dez horas da noite; e cumpri, se não como amante, ao menos como vassala. - Rei”.

E cumpri! Não há nada mais despótico! Eis aqui uma página para a história de um monarca: eis aqui um diamante para a coroa do meu rei! Nada me maravilha!... Eu tenho uma perfeita ideia do despotismo, e outra do déspota... - D. Leonor de Melo... Terei de a ver ainda no harém deste grão-senhor português!? Creio que não... Quando se venda o punhal do irmão cá fica ainda o punhal do... O meu punhal! É certo, que a vida de um corrompido

mais prestes se casa com o aço de uma adaga que o terror com o espírito do amante! Espanta-me a placidez da minha alma neste momento, que é uma crise da minha vida, a primeira sombra ao meu amor... Tão sereno que estou, tão pacífico e gelado! Ou eu. Não amo, ou o meu amor está passando pela intermitente do Leão!... Que será? Há mistérios na vida do homem, e na estação dos afetos...

D. MANUEL, sonhando

Minha irmã... A minha Leonor...

AGOSTINHO

Sonha, e... Bem pesados sonhos que eles são! Não é só o pajem que sonha com D. Leonor...

D. MANUEL

Bárbaros! A honra não dá o trono, nem se vende nas cortes...

AGOSTINHO

Pouco temo pela sorte dela.

D. MANUEL

Tirano, restitui-ma, tirano! A minha vingança será maior que a minha justiça, mais cruel que a minha raiva... Primeiro a morte que a desonra... A minha espada... (Ergue-se turvado). Já deram dez horas?

AGOSTINHO

Não, senhor.

D. MANUEL

Pois quem me acordou?!

AGOSTINHO

Um sonho terrível.

D. MANUEL

Sim... Sonhos terríveis...

AGOSTINHO

Quem sabe se terríveis realidades...

D. MANUEL

Realidades! Os meus sonhos são-te mistério; e, se o não fossem, eu diria que descrês de quanto posso furioso em prol da honra e da justiça!

AGOSTINHO

Poderei estranhar os vossos sonhos; mas não sou descrido. Fui embalado num berço ao lado do vosso, cresci convosco, e, permiti-me este galardão, entrei convosco no crisol da

honra, e da intrepidez: - se não tivesse nascido para pajem, eu seria D. Manuel de Melo...

D. MANUEL

Pois bem. Sobre essa mesa, está uma carta; neste peito, um coração forte, e uma alma grande... E nesta sala... Talvez...

AGOSTINHO

Uma escola para os reais salteadores!

D. MANUEL

Reais! - Acaso já sabes...

AGOSTINHO

Que se trata de uma tirania.

D. MANUEL

E que é necessário...

AGOSTINHO

Acabar com o tirano.

D. MANUEL

Tanto não; mas...

AGOSTINHO

O futuro o dirá... (Dez horas).

D. MANUEL

Não tardarão... Já viste essa carta, que aí está?

AGOSTINHO

É um documento para avaliar da prepotência. Cada urna dessas palavras, que aí se leem, é uma gota de ferro

fundido no meu coração...

D. MANUEL

Logo que eles cheguem, é bem te escondas.

AGOSTINHO

Esconderei; mas donde os olhos vejam e os ouvidos ouçam...

D. MANUEL

Por enquanto assaz confio em mim: tu, mais tarde... (Estrépito de berlinda). Ei-los que chegam! Preciso agora de muita frieza, e de muita força moral.

AGOSTINHO

De tudo precisais; e eu apenas de um leve gesto para proteger o ofendido, e sacrificar à defesa... (Sai).

D. MANUEL

Eles cuidam encontrar aqui minha irmã, e eu ouvirei as suas práticas (Sai).

Cena II

HENRIQUE de Miranda, CONDE de Castelo-Melhor, e depois D. MANUEL de Melo

CONDE, entrando

É esta a primeira sala?

VOZ, dentro

A mesma.

HENRIQUE, para dentro

Deixai-nos. (Fora) Que perspetiva tão desconsoladora.

CONDE

É fúnebre! Triste lugar para tratar de amores! Ser-nos-á preparado algum ardil?

HENRIQUE

Não diga isso, senhor Conde de Castelo-Melhor, que mal fica a um privado de el-rei temer a mordedura dos répteis... Aqui, que ninguém nos ouve: - a auréola da majestade fulge mais por nós, que os brilhantes da coroa de Afonso VI... Uma traição para o conde, e para Henrique de Miranda é um crime de lesa-majestade.

CONDE

Assim é; mas acreditai-me: - aterra-me bem mais o lúgubre deste salão e o bater monótono desta pêndula, e estas luzes moribundas, do que os brados, e insurreições de toda uma nação, que nos maldiz!

HENRIQUE

Quimeras! Brados do povo, meu Conde, morrem à porta do palácio dos reis... O trono é um sacrário, que as blasfémias do povo não maculam. Ora agora, salões escuros, luzes moribundas, e o mais que assusta, e não ofende, isto, amigo, aterra o criminoso, roído pelo remorso, ou suspeitoso de vingança: remorso em nós... De quê? Vingança... Quem a tenta?!

CONDE

Qual de nós seria mais criminoso, se crime fosse denunciar a el-rei uma beleza?

HENRIQUE

Aquele que, com mais diligência, lhe removesse os obstáculos para a conseguir.

CONDE

E no presente caso, Henrique?

HENRIQUE

Eu, se o Conde de Castelo-Melhor quiser. Já lá vão as dez horas... A nossa dona vai transgredindo o preceito...

CONDE

Tem desculpa, porque estas coisas correm suas dificuldades. Não se trata de uma recíproca fineza de amor, aqui há violência... E quem sabe se por ai está D. Manuel de Melo, ou o pajem Agostinho de Ceuta?

HENRIQUE

Às oito horas da tarde encontrei-os em casa do Duque do Cadaval. Admirei a familiaridade e acerto da conversa do tal pajem! A propósito, sabeis alguma coisa acerca deste homem?

CONDE

Pouco mais saberei que vós. Conheço-o desde pequeno nesta casa; não lhe sei de pai ou mãe. Tem sido homem de brios e proezas, pouco galanteador, e bem provado em valentias no forte de S. Miguel, em Badajoz e no Ameixial; e corre como certo, fora ele o primeiro a vitoriar a tomada do estandarte real de Castela. Era muito amado da, rainha-mãe, e assistiu-lhe incessante nos últimos dias da sua vida. Sabe-se, com verdade, que o Duque do Cadaval recebera da mão da rainha moribunda um pergaminho relativo a Agostinho de Ceuta.

HENRIQUE

Isso é um rimance.

CONDE

No gabinete escuro de Afonso VI não entram rimances...

HENRIQUE

Assim será; mas já começo a impacientar-me com esta D. Leonor!... Estou morto por mudar esta mansão de sombras em sala de galanteios...

CONDE

Olhai, Henrique de Miranda, sinto em mim um não sei quê de susto involuntário e inexplicável! Está-me a agourar o coração, que el-rei, e nós, os seus vassalos, havemos de amargar esta empresa!...

HENRIQUE

Porquê?

CONDE

Porque conheço muito de perto a D. Manuel de Melo.

HENRIQUE

Também o eu conheço, e ele me não conhece ainda... O conde não ignora que este homem tem sido sempre uma sombra, que me separa dos objetos mais caros da minha vida. Quando amei D. Mécia de Noronha, tive de abdicar o direito, que tinha a esta mulher, porque D. Manuel de Melo me rivalizava com grande vantagem. Vinguei-me, e sabeis de que modo?

CONDE

Sei; entregando-a ao rei.

HENRIQUE

E o rei possuiu-a, e D. Manuel perdeu-a como eu a perdi.

CONDE

Pobre dela, que foi a que sentiu as funestas consequências dos vossos crimes!

HENRIQUE

E que importa! Nem já me lembra... E demais ela devia conhecer-me, que lhe profetizei o futuro com um punhal na mão...

CONDE

Então vós amáveis de punhal! - feliz sistema!

HENRIQUE

Estais a gracejar... Mudemos de prática.

CONDE

Tendes sido um homem célebre, e capaz de grandes feitos! (Ironia).

HENRIQUE

Por certo. Capaz até de fazer com que D. Manuel de Melo chamasse aqui sua irmã, para a sujeitar às honrosas pretensões de el-rei! - (D. Manuel aparece; dirige-se à mesa; toca uma campainha: assombro nos dois, que se levantam).

D. MANUEL

D. Manuel de Melo não há de desmentir a celebridade de Henrique de Miranda: - ele vai chamar sua irmã.

CENA III

Os mesmos, AGOSTINHO, e depois D. LEONOR de Melo

AGOSTINHO, ao fundo

Chamastes?

D. MANUEL

Fazei entrar minha irmã. (Para os validos) Sentai-vos, senhores, que esta casa e a minha cabeça é vossa e de el-rei.

CONDE

D. Manuel, conheceis as fogosas paixões de Afonso VI...

D. MANUEL

E que se segue?

HENRIQUE

A necessidade de obedecer-lhe.

D. MANUEL

A necessidade de obedecer-lhe... Sois um vil!

D. LEONOR

Chamastes vossa irmã?!

D. MANUEL

A minha irmã... Sim, chamei a vassala de Afonso VI...

D. LEONOR

Que estranhas maneiras! Eu cairia no vosso desagrado?

D. MANUEL

Não, minha irmã, não... Caístes no desagrado de Deus, que vos não livra do sopro de Satanás...

D. LEONOR

Explicai-vos, pelo nosso amor!

D. MANUEL

Aí tendes os delegados do déspota... Ouvi deles a sentença, que lábios de irmão honrado a tanto não se atrevem.

HENRIQUE

Prudência, D. Manuel, prudência, que por menos crimes já el-rei mandou picar os brasões de grandes fidalgos...

D. MANUEL

Por isso el-rei já viu nas falanges do inimigo, militarem muitos fidalgos portugueses... A minha irmã, os privados de Afonso VI são cobardes, como seu amo. Ei-los aí que se escudam com o nome do rei, e nem assim desatam dos lábios o horroroso pensamento, que aqui os traz!... Leonor, ai está uma carta escrita por um destes cavalheiros, e assinada pelo rei: é para vós - lede-a.

D. LEONOR

Uma carta para mim... Para mim! Que...

D. MANUEL

Não antecipeis o assombro. Bem podia ser unia. Carta régia, em remuneração dos serviços que o nosso pai prodigalizou à restauração da pátria; ou para te pensionar pela vida, que o nosso pai barateou na batalha do Montijo...

D. LEONOR

E acaso...

D. MANUEL

E acaso o quê?

D. LEONOR

El-rei se lembraria...

D. MANUEL

De consumar a obra da sua ingratidão com o sacrifício da vossa honra.

D. LEONOR

Ah! Que dizeis?

D. MANUEL

O que esta carta melhor vos dirá.

D. LEONOR, pegando dela rapidamente, e rasgando-a

Assim seria rasgado, quem tal fizesse, se o meu pai não trocasse a vida pela elevação de um trono ignominioso! Se ele... Aqui estivesse... Se ele ouvisse... O meu irmão... O meu caro irmão, eu não me assusto: encho-me de uma raiva, que me retorce o coração! Abominai-os como eu os abomino, detestai-os como eu os detesto, e não temais pela honra da vossa irmã... (Sai).

D. MANUEL

Vós a ouvistes.

HENRIQUE

E demais a. Ouvimos! Má sorte se prepara para vós, e para ela: nunca vozes tais eu tivera ouvido...

D. MANUEL

Ide! Anunciai ao rei de Portugal, que a filha de D. Dinis de Meio, a neta do conde de Tentúgal, e a irmã de D. Manuel de Melo, rasgou na face dos seus emissários a vergonhosa carta, que não leu. Dizei ao monarca dissoluto, que a honra de D. Leonor de Melo, há de ir ele aferrá-la, depois de transpor uma torrente de sangue! Dizei ao monarca tirano, que a cabeça da vassala, que o abomina, há de ser cortada com o alfange, que ceifar a do seu irmão! Ei-la, validos do trono! Ei-la! Está é a linhagem do português que se não vende, e do que mede um rei prepotente pela bitola de um salteador sanguinolento.

HENRIQUE

Não digais mais, que de mais tereis de arrepender-vos... Basta...

D. MANUEL

Basta, vos digo eu! Quando este pavimento estiver confiscado, e aquelas armas rasgadas, imporeis silêncio então.

HENRIQUE

Mui alucinado, e demasiado néscio sois, se tentais obstar à vontade de Afonso VI!

D. MANUEL

Eu também tenho vontade de ferro, e... Um ferro bem fiel à vontade...

CONDE

Essa é a linguagem do regicida.

D. MANUEL

É a linguagem do irmão... Do desesperado!

HENRIQUE, riso afrontoso

Tudo isso são fantasias, e moralidades, que o leve sopro da necessidade cedo dissipará... El-rei protege prodigamente a feliz, que lhe inflama as paixões; protege quem lhe apraz, e ri da desesperação dos insensatos, quando os não castiga... Nada o impedirá.

D. MANUEL

Nada! Nem um só obstáculo?

HENRIQUE

Nem um.

CONDE

Nem um.

CENA IV

Os mesmos e AGOSTINHO, que aparece ao fundo, e marcha lentamente para eles.

AGOSTINHO

Ainda há um! E esse é um colosso de bronze, que protege a vítima, e esmaga o cutelo do verdugo! Esse é o pajem, que tem uma vida, que não é dele, uma pátria, que pouco ama, e uma sepultura em qualquer canto do universo! Esse é Agostinho de Ceuta, o filho de pais incógnitos, que se despe, por um momento, da sua baixeza, para assumir a linguagem de cavalheiro. (Pausa) E parece que este sentimento do amor... Do amor... Não... Este sentimento de amizade vos petrifica! Homens incapazes de sentir o bem, estas são as galas da virtude, bem pavorosas... Bem pungentes à vista dos malvados!

CONDE

Henrique, vamos: ficai-vos, D. Manuel: é mister cumprirmos nossa missão.

AGOSTINHO

É honrosa... A. Posteridade a irá ler nas vossas armas... Ainda a não sabeis para a cumprir: parai, eu vo-lo mando, sentai-vos.

Vou contar-vos uma das páginas negras da nossa história. Há 286 anos, que um rei de Portugal viu uma bela mulher, esposa de um homem honrado, rico, e de grandes brasões. Gostou dela; rompeu-lhe os laços conjugais, e foi-se com ela para o paço! Este rei era Fernando; esta mulher era Leonor Teles; e o desgraçado que a perdeu era João Lourenço da Cunha. Este homem (levanta-se insensivelmente) tragou o cálice da prepotência até às fezes... Gemeu surdamente, e surdamente se lhe partia o coração! Viu arrebatada uma mulher, que amava, que era tão sua, e tanto da sua alma! Viu-a usurpada nos braços de um raptor, que se serviu dos brilhantes de uma coroa, para deslumbrar o sagrado direito

do esposo!... Debalde representou, que as suas representações eram calcadas na base do trono, e a sua justiça era motejada, e ludibriada no leito adúltero do rei de Portugal!... Não vos impacienteis: a página vai no fim... Aquele esposo, que amava, que ardia, que aborrecia o existir, não caiu no Letargo do medo, nem coseu os lábios com um pânico terror. Solta um brado de morte à porta do palácio do rei, e mostra às turbas, que se aglomeram, o primeiro punhal, que há de romper o coração do adúltero. Dá um brado de extermínio, e três mil descontentes porfiam a entrada do tálamo profanado, e a vida do indigno filho do Justiceiro! Vacilais? Também eu vacilo, quando comparo Fernando com Afonso VI! Quereis saber o resto? Ele é horrível... É horrível! É doloroso para quem ama! João Lourenço da Cunha, nas asas da alegria e da raiva, corre ao Paço... Faz retumbar nas abóbadas, agora uma voz de ferro, e ameaçadora, logo um nome enternecido... Leonor... Leonor! Dizia ele... E ela já se fugia nos braços do roubador... Perdeu-a, e sabeis o que é perder uma mulher, que se ama... Vê-la perdida, e ouvir o brado íntimo da consciência dizer-nos, que é perdida... Para sempre?! É aquilo, que converte uma sociedade de homens em peleja

de tigres! É uma coisa só imitada pelos vulcões no momento da irrupção! É tormento que nos mandou o inferno! Desgraçado! Lá vai o marido, caminho de Castela, ralado da saudade, e sufocado pelo cetro, mendigar pão, e sepultura!... (Pausa) E sobre nossas cabeças gira hoje um meteoro mais sanguinário!... Ante meus olhos, o reflexo de um quadro mais espantoso, e mais destruidor!

HENRIQUE

E que há de comum entre as coisas de então, e as coisas de agora?!

AGOSTINHO

Tudo!

CONDE

Quereis confrontar os amores de Leonor Teles com os amores de Leonor de Melo?!

AGOSTINHO

Os amores de Leonor de Melo... Dizeis vós!... Os amores de Leonor de Melo!... Já lhe sondastes o coração?

HENRIQUE

Basta-nos sondar o de el-rei.

AGOSTINHO

Não basta, não! Haverá um grito de extermínio à porta do palácio; haverão três mil descontentes em roda do trono, e a devastação será tão grande... Tão inflamada... Como o fogo do ciúme na alma do amante!

CONDE

Calai-vos! A alucinação vos arrasta ao patíbulo! Louco! Quereis medir as consequências de um casamento

reprovado de uma mulher usurpada, com os amores particulares de um rei?!

AGOSTINHO

Inferno! Que mais é o direito de uma nação, ou o direito de um indivíduo! Coração de rei, é coração de homem; e não sei qual será mais amargoso se ao pajem perder a vida se ao rei... Perder o cetro!

D. MANUEL

De mais tenho ouvido, e tanto não ouvira, se a razão e a amizade mo não mandassem. Pajem fiei, o teu procedimento não carecia de provas para mim. De hoje avante as nossas sortes estão ligadas, e tão ligadas como a imagem do céu à alma do justo, no hora do passamento. Se o desterro galardoar nossa servidão de tanto tempo, iremos contar as areias de África pelo número de lágrimas, que verteremos à saudade da minha pátria, que eu tanto amava! Se gemermos debaixo de ferros, nas trevas dos calabouços, os nossos gemidos se encontrarão! Se

subirmos ao cadafalso, expiará connosco uma centelha do último clarão da glória portuguesa...

AGOSTINHO

Desterro, cárceres, gemidos, morte... Envergonhado aquele que os teme depois de uma vingança! Morrer! Mas ela... D. Leonor... A vossa irmã, ultrajada... Nos braços dele...

D. MANUEL

Nos braços dele! Oh! Que me fulminaste! Que ideia tão negra! Nunca, pajem... Primeiro há de ela...

AGOSTINHO

Dizei... Dizei...

D. MANUEL

Receber a morte das minhas mãos...

AGOSTINHO

A morte... Sim! O vosso último suspiro irá pousar-lhe no seio ao coro dos anjos... E justificará o fratricídio... Matá-la! Barbaridade! Que viva... Que faça as delícias de um esposo... de um amante... Do rei... Horror! Connosco antes... Antes, com esta vida, com este coração, que é dela...

CONDE

Ele ama-a... Que ouço!

HENRIQUE

Que desonra!

D. MANUEL

Deliras, Agostinho, deliras?!

AGOSTINHO

Antes delirara! É um incêndio... (a mão sobre o peito) é um ferro... É uma lava... É o amor...

D. MANUEL

O amor! Que dizes?... O amor!

AGOSTINHO

Sim... Sim... O amor!

D. MANUEL

Tu amas minha irmã!... D. Leonor ama-te?! Mentes... Mentes!...

AGOSTINHO

Minto! Oh! Se ela aqui estivesse, nem um de vós me desmentira!

CENA ÚLTIMA

Os mesmos e D. LEONOR

D. LEONOR, transportada

Não... Não... Ninguém te desmentirá... Eu amo-te. (Lança-se-lhe nos braços).

D. MANUEL, o rosto entre as mãos

Vergonha!

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

A CONSPIRAÇÃO

PRIMEIRO QUADRO

Vasto recinto do convento de S. Domingos. Está no centro longa mesa com cadeira régia à cabeceira, e assentos laterais. Sobre a mesa livros, pergaminhos, tinteiro, uma urna contendo uma coroa, etc.

CENA I

FR. BERNARDO de Santa Justa, e FR. LUÍS das Chagas, ambos ocupados em leitura

FREI BERNARDO, lendo

“Cumpre-nos manter a falsa legalidade de João IV; todavia fareis ver aos nossos confrades de Castela, que o nosso direito está sobre bases amovíveis, e que, se as há persistentes, a nós se devem.” Que vos parece?

FREI LUÍS

Isso é proveitoso nos apertos; por agora limitar-nos-emos a soprar o incêndio, e fugir das chamas... Devemos vivificar as espadas com a nossa força virtual e invisível, se bem que...

FREI BERNARDO

Se bem que o itinerário sairá do mosteiro de S. Domingos...

FREI LUÍS

Já que em nós tanta confiança está depositada...

FREI BERNARDO

Assim o exigem nossos sagrados cargos, que nem ainda deixam de o ser, quando se trata de uma conspiração.

FREI LUÍS

Os nossos fins. São justos; nem eu creio que da portaria desta casa para fora tenha saído sentença tão equitativa.

FREI BERNARDO

Vós o dizeis com assaz razão. É justo, e três vezes santo calcar o demónio, e exaltar o anjo.

FREI LUÍS

Assim o parece o nosso príncipe: dócil como se quer... Bem diferente do irmão...

FREI BERNARDO

Pedro difere de Afonso como o bom do mau, e o dia da, noite. Mal da nossa soberania se estes génios desenfreados se sucedessem no trono! Afonso VI é uma cratera, que ameaça incêndio aos nossos estatutos, e temei-lhe a explosão, que será bravia! Não sei onde estava a vigilância dos nossos direitos, quando este rei crescia vergôntea para empunhar o cetro! Não sei, Fr. Luís das Chagas, como o berço de Afonso não foi acalentado por mão de um nosso irmão!

FREI LUÍS

À dissolução, e a licenciosa liberdade foi acarretada a este monarca pelo dissoluto António Conti.

FREI BERNARDO

Graças nos sejam dadas! Mar em fora, vaga ele desterrado para cá não tornar jamais!

FREI LUÍS

Bem dito, Fr. Bernardo; mas sabeis que os efeitos tornam-se causas, e quando assim sucede, em balde se aniquila a causa primária, que a série dos males será inextinguível. Conti desapareceu do lado do trono, é verdade; porém o veneno cá lho deixou no âmago, e a perversão tocou o apogeu.

FREI BERNARDO

E não temos nós remédio eficaz?

FREI LUÍS

Temos, e mister é que seja heroico...

FREI BERNARDO

Ainda o quereis mais heroico, que uma destronização: mais pronto que um degredo; mais eficaz que um cárcere perpétuo?!

FREI LUÍS

Assim aconteça para glória da. Santa religião, e da. Ordem a quem os destinos de Portugal estão confiados... Ao toque de matinas deve estar lançada a primeira pedra da nossa Babel...

FREI BERNARDO

E talvez a última; porque debaixo dessa pedra devem ficar as ruínas do trono de Afonso VI; e por cima dela o trono de Pedro II. Pena é que mais cedo se não ativassem as molas do estado! Se, há três dias, os conspiradores seculares se dessem as mãos com os eclesiásticos, ou direi antes - se eles tivessem recorrido ao mais forte esteio das

conspirações, tivéramos evitado a prisão, e quem sabe se a morte de D. Manuel de Melo, tão honrado cavalheiro, e tão credor da pátria! Queria o incontinente rei fechar o seu reinado com uma violência vergonhosa, sem atender ao parentesco de D. Leonor de Melo!

FREI LUÍS

É verdade, que custa por sobrinha ao Inquisidor-Geral!

FREI BERNARDO

Que tem o cetro no bico da sua pena; que perscruta os segredos mais recônditos do paço, e da cabana, e que só tem um problema no seu livro de mistérios.

FREI LUÍS

Qual é?

FREI BERNARDO

O pajem de D. Manuel de Melo!

FREI LUÍS

E que é feito desse homem?

FREI BERNARDO

Salvou-se das garras dos eunucos de Afonso VI.

FREI LUÍS

E D. Leonor seguiu a má fada das outras?

FREI BERNARDO

Não. (Toque a matinas). Toca a matinas: mais um bocado, e este subterrâneo dará coroas, e tirará coroas. Aqui é o expiáculo dos reis, e os vassalos, ultrajados e vexados, queixam-se aqui livremente, onde se ouve a sua voz, que se não some como pelas quebradas das abóbadas dos tribunais. João III - João III! O réu, que a tua inquisição hoje

condena, não é teu descendente, que, se o fosse, seria piedoso, e respeitador da virgindade como tu! Tenho serena a minha consciência no momento em que opino pelo extermínio do déspota... Há de ser exterminado!...

FREI LUÍS

Nem tão sanguinário...

FREI BERNARDO

Fr. Luís ... A minha família rega com lágrimas a todo o momento uma nódoa, que lhe gravou o monstro; e essa nódoa é eterna; nem o sangue do maldito a lavaria...

(Ouve-as o rodar de chaves, e divisa-se através da porta uma luz, que se vai aproximando. Os frades erguem-se a abrir a porta do fundo).

CENA II

Os mesmos, FR. GARCIA de Melo, Infante D. PEDRO, FR. AMARO e 7 fidalgos

FREI GARCIA

O Rei dos Reis, o génio tutelar das nações, e dos oprimidos, que observa do alto céu todas as nossas ações, permita, caros irmãos, inspirar-nos nesta obra tanto do seu serviço, e humanidade. Infante D. Pedro, sentai-vos. (Sentam-se, e Fr. Garcia à esquerda do Infante). Acham-se em conselho os fidalgos - conde de Soure - conde de Pombeiro, Gil Vaz Lobo - conde da Torre - conde de S. João - Gaspar de Pina – o escrivão da Puridade, Fr. Luís das Chagas - e o familiar do Santo Ofício, Fr. Amaro Vieira - o 2º inquisidor, Fr. Bernardo de Santa Justa - e o 1º e o vosso servo Carola de Meio. Falta o nosso familiar D. Manuel de Melo, que está preso, não se sabe aonde, por enquanto, e o duque de

Cadaval, que vigia a segurança de D. Leonor de Melo. – Nosso padre Amaro Vieira, lede perante os escolhidos da nobreza de Portugal as bases do nosso Conselho.

FREI AMARO VIERA, levantando-se, lê

“Por quanto Afonso VI rei de Portugal, é altamente indigno de administrar seus vassalos, o que não carece de demonstração, cumpre extroná-lo.”

1º FIDALGO

Nem a outra. Coisa viemos.

2º FIDALGO

A glória portuguesa se tornaria em opróbrio, quando assim não fosse.

3º FIDALGO

Ou a nação ficaria violada na sua nobreza, e coberta de vilipêndio.

4º FIDALGO

Os desgostos querem mais alguma coisa... Não são mesquinhos em vingança.

5º FIDALGO

Não se contentam com a. Queda do trono.

6º FIDALGO

Querem que caia o homem.

FREI GARCIA

Não vos confundais, senhores!

7º FIDALGO

Inquisidor-Geral! Nós todos somos um homem; a. Morte a Afonso VI.

4º e 5º FIDALGOS

Morte, morte!

INFANTE

Prudência, senhores!

FREI GARCIA

Continuai, Padre Amaro Vieira.

FREI AMARO VIERA

“É justo portanto, que se proponham os meios para se alcançarem os fins.”

5º FIDALGO

Conspiração!... Conspiração!

FREI GARCIA

Senhores condes, e mais fidalgos dos nossos remos. A presente questão demanda madureza e circunspeção. Não é de avisados, e experientes ceder à atrabílis, que vos domina, a despeito do que diz Salústio: “Priusquam incipias, consulito, et ubi consulueris maturo facto opus est.” Operai após reflexão madura. Ela vence mais que a violência do pensamento rápido, e fugaz. A sabedoria é irmã da prudência, e pouco avisado anda aquele, que se apega às asas do génio iracundo, que não prevê despenhadeiros. Algum de entre vós é muito novo ainda para opinar: consolito, ouvi primeiro as cãs, e sereis depois convenientemente ouvidos, e aprovados se o merecerdes. Acerca do 1º artigo seguro estou, nem um de vós outros o contrariará, com pena de perder brios de português, e nome de cavalheiro; mas o 2º é sujeito a diversos entenderes, e várias opiniões. Sereis vós, portanto, Fr. Bernardo de Santa Justa, 2º inquisidor, o primeiro, o mais sisudo em aconselhar.

FREI BERNARDO

Quando a vida de Afonso VI nos garantisse satisfação, ainda assim, mesquinha, por certo, seria nossa sentença. A honra da mulher ilibada é mais valiosa que a vida de um déspota, cuja morte aliviaria a sociedade ofendida, e ultrajada, de um malvado, que causa mais vergonha que mágoa. Apelo para vós.

1º FIDALGO

E a honra da minha irmã?

2º FIDALGO

E a da minha?

3º, 4º e 5º FIDALGOS

Dizeis bem, Fr. Bernardo, a morte é pouco.

INFANTE

Senhores... Moderação...

FREI GARCIA

Estranho-vos, à fé! Fr. Bernardo, essa não é a linguagem edificante e pacífica, que vos cabe. Irritastes os ânimos em vez de os aplacar. Falai, padre Amaro Vieira.

FREI AMARO VIERA

Todo o homem, por criminoso que seja em demasia, tem o momento da consciência, e o da contrição. Não relevo que Afonso VI tão indócil seja, a ponto de contrariar alguma reforma, que, bom grado nosso, se lhe faça no seu comportamento moral e civil, que profundamente desgosta os seus vassalos. Seria bem que primeiro avisado fosse...

4º, 5º e 6º FIDALGOS

Nada, nada!

7º FIDALGO

Não faleis mais se não quereis o labéu de traidor!

FREI GARCIA

Falai, Fr. Luís das Chagas.

FREI LUÍS

Afonso VI é aborrecido pela rainha, e como neste lugar o mistério é um crime, sabei que o Infante D. Pedro ama sua cunhada, e é extremosamente correspondido. Príncipe, isto é verdade?

INFANTE

É.

FREI LUÍS

A rainha de Portugal sairá imediatamente do paço; recolha-se a um mosteiro, e declare ao seu marido, que vai, para a França, alegue que não é sua mulher, porque o matrimónio era impossível e anticanónico. Eis aqui o seu requerimento: que o apresente ao cabido, e ele informará a Sua Santidade. A rainha pedirá o divórcio, será divorciada, e passará a núpcias com o rei de Portugal: escolhei-o, fidalgos.

2º, 3º e 4º FIDALGOS

Sua alteza, o Infante D. Pedro.

FREI LUÍS

Logo - o rei de Portugal.

7º FIDALGO

E os crimes de Afonso?

5º FIDALGO

É verdade, e os crimes de Afonso?

FREI LUÍS

Há de expiá-los no desterro, entre ferros e aviltamento.

5º e 7º Fidalgos

Bem, bem, entre ferros e aviltamento!

6º FIDALGO

E se algum incidente transtornar nossos planos?

FREI LUÍS

Morte!

TODOS

Morte!

O INQUISIDOR-GERAL, com o barrete na mão

Preito e homenagem a D. Pedro II rei de Portugal - Rei de Portugal! (coroando-o) cada pedra desta coroa fulgirá como as vossas virtudes.

INFANTE

E cada uma destas pedras seja uma barra de ferro, sobre meu coração, se algum dia eu violar os direitos dos meus vassalos, desde o nobre até ao plebeu.

FREI GARCIA

Viva D. Pedro II rei de Portugal!

TODOS

Viva!

CENA III

Os mesmos, Oficial do Santo Ofício, e depois o Duque do Cadaval, e Agostinho de Ceuta, encapotado

FREI GARCIA

Bem vindo, nosso irmão duque do Cadaval! (Para Agostinho) Bem vindo, cavalheiro tão misterioso! Quem quer que sejais, confiai-nos vosso nome, que nova coisa é, homem nestes lugares desconhecido!

AGOSTINHO

Sou Agostinho de Ceuta, o pajem de D. Manuel de Melo.

FREI GARCIA

O pajem! - a que vindes?

AGOSTINHO

Encostar uma escora de ferro ao baluarte da conspiração.

FREI GARCIA

Sois conspirado?

AGOSTINHO

Sou.

FREI GARCIA

Quem mo afiança?

AGOSTINHO

O futuro.

FREI GARCIA

E presentemente?

Duque

O duque do Cadaval.

FREI GARCIA

Sois perseverante?

AGOSTINHO

Tanto como o meu ódio.

FREI GARCIA

Capaz de tudo?

AGOSTINHO

Menos de uma ação vil.

FREI GARCIA

Se Afonso VI...

AGOSTINHO

Se Afonso VI fosse julgado réu de morte, eu matando-o, praticara uma virtude para que nem os homens nem o céu teriam recompensa.

FREI GARCIA

Inscrevei-o, Fr. Luís.

FREI LUÍS

Vossos pais?

AGOSTINHO

Não conheço.

FREI LUÍS

Pois não sabeis...

AGOSTINHO

Nada.

DUQUE

Fr. Luís, deixai-lhe um espaço para a filiação, que o futuro vo-lo dirá...

FREI GARCIA

E minha sobrinha, duque, e D. Leonor de Melo?!

DUQUE

Está salva, se me não engano. Depois da prisão de D. Manuel de Melo, procurou o asilo da minha casa. Logo depois o seu palácio foi agredido por Henrique de Miranda, com uma guarda do rei. Achava-se ali o criado francês: morreu às mãos do valido. Agostinho de Ceuta teria igual sorte se não sacrificasse à sua fuga a vida de um soldado.

7º FIDALGO

Conjurados, cavalheiros portugueses! Seja o nosso juramento solene, e horrível. Jurai pelos ossos dos vossos avós, pelas cruzes das vossas espadas, pela fé das vossas amantes, e pelos vossos, nomes, que Henrique de Miranda morrerá morte mais terrível, que a que deu ao francês!

AGOSTINHO

Não jureis, cavalheiros; eu prescindo do vosso juramento! Já jurei comigo, e com a minha adaga: deixai a fortuna de Henrique de Miranda, ao cargo do vosso prosélito. Oh! Cobarde é aquele que mendiga braços, quando tem dois para fazer estalar o peito de um homem! Há de implorar-

me compaixão com o aviltamento de cobarde! Hei de dobrá-lo ao peso deste braço, como el-rei dobrou a tenra planta do meu amor! Hei de esculpir-lhe no rosto uma bofetada de desprezo, como o ferrete que aí negreja eterno no quadro da minha ventura! Hei de roubar-lhe a vida por entre as chamas do remorso... Cravá-lo... E esperar-lhe na ponta do ferro a derradeira convulsão da vida! Maldito sejas tu, rei de Portugal! Mais esta mancha negra no teu manto de sangue! Findou o teu reinado! A mão do carrasco fraqueou com o peso dos teus crimes! O chão húmido, e álgido dos cárceres aí marca os vestígios das tuas vítimas, e é forçoso que o teu sangue lave o cepo das tuas vinganças, e que os ferrolhos dessas masmorras sintam tuas mãos enroscar-se neles, no afogo da desesperação! O gemido do rei encontrará ainda o eco do último gemido do vassalo, que arrefeceu, e ciciou nessas rochas horripilantes; e a mão do rei há de encontrar ainda quente o cadeado dessa algema, que rojou nos braços de um irmão, de um pai, ou de um amante!... Maldito sejas tu, sicário, valido, ministro de sangue, rufião vergonhoso, escarro dos homens, maldita sejas tu, primeira ruína do trono! Mostrai-mo nos braços de Afonso... Aos pés de

Leonor... No sacrário... Cadáver inanimado... Mostrai-mo, que lá mesmo resgatarei a minha adaga do seu juramento.

FREI GARCIA

Pajem! Os vossos transportes não dizem bem com a solenidade dos nossos actos!... Abrandai... Abrandai.

AGOSTINHO

Senhor! - é necessário que me ouçam os homens, os ferros, e os subterrâneos! Cada homem é uma vítima a reclamar vingança, cada ferro é um incentivo atroz para a ideia do sangue, e cada subterrâneo é o amor, o ar, a vida, e o sepulcro do desterrado! Oh raiva! Que hajam grilhões na terra, que aqui me prendam! Que não possa eu dispor desta vida... Que me não pertence!...

CENA ÚLTIMA

Os mesmos, e o Oficial do Santo Ofício

OFICIAL DO SANTO OFÍCIO, ao fundo

Senhor duque do Cadaval, a vossa casa está cercada por soldados, e no Rossio se junta o povo.

AGOSTINHO

D. LEONOR de Melo! Salvemo-la.

TODOS

Salvemo-la!

SEGUNDO QUADRO

Sala magnífica da casa do duque do Cadaval

CENA I

D. LEONOR de Melo, escrevendo, e BEATRIZ, Criada, junto dela

D. LEONOR

Não sei se escrevi uma palavra do pensamento! (Lê) “Agostinho, querido Agostinho, livra-me de Henrique de Miranda. (Ouve-se o estrondo de abrir e fechar portas) Está o palácio cercado, se me não vales... Já posso perder-te!” Beatriz, vai... Vai ao convento de S. Domingos... ao meu tio... Ao inquisidor, que lhe diga... Vai, vai.

D. LEONOR, só

Justo Deus, porque sou eu tão infeliz! Como é possível a pureza da minha vida, quando a combatem os flagelos, que lançastes na terra! Que desgraças, que má sorte eu mereci!

Que grandes desgraças se preparam! Que nuvem tão baça está sombreando a minha mocidade! Ah! Em que época eu nasci! Os nossos corações, escravos de quem aborrecemos... As cadeias que o gosto da vida tinha imaginado... Quebradas pela vontade de um rei déspota!... Ele não... Não as quebrará! Õ meu amor, que tão combatido és! Maldito rei, que tanto enegreces minha vida! Meu Deus, suavizai minha desgraça! Dai-me o meu irmão, amparai-me o meu... O meu Deus, o meu esposo! Tanto hei merecido... Tanto serei criminosa!... Virgem Maria! Valei-lhes, protegei-os... Pelas vossas sete dores... O meu Deus, que estrondo! Ah! (Perturbada, senta-se).

CENA II

D. LEONOR, Henrique de Miranda, soldados ao fundo, e BEATRIZ, depois, abre-se a porta por empuxão

HENRIQUE, à parte

Oh! Ei-la: - comecemos pelo fingimento... (Alto) Muito nobre senhora D. Leonor de Melo, eu vos saúdo. Vejo-vos assustada, pálida, e desfigurada! Que motivos haveis para tanto?! Acaso vos aterram as aberturas das portas? Isto nada tem com a vossa tranquilidade. Nós viemos da parte de el-rei, para capturar o rebelde duque do Cadaval. Nem era de esperar aqui achar-vos, quando não costumais sair da vossa casa!

D. LEONOR

Se procurais o duque do Cadaval, de sobra vedes que aqui não está; e, se comigo nada tendes, por bondade me deixai, que minha, bem o sabeis, não é tal casa.

HENRIQUE

Esta casa de el-rei é, e a vossa a podeis julgar portanto.

D. LEONOR

Minha! Não me faleis de el-rei, que de contrário vos deixo.

HENRIQUE

Deixardes-me, senhora, que tanto vos lisonjeio!

D. LEONOR

Por isso mesmo vos aborreço.

HENRIQUE

É quando eu mais vos amara; porque demasiado gosto de lutar com as dificuldades.

D. LEONOR

Loucura é, quando de as vencer esperança não houverdes.

HENRIQUE

Vencer, sempre eu venci, e por corrido me tivera se vos não vencesse.

D. LEONOR

Que dizeis? Sede claro...

HENRIQUE

Bastante o tenho sido.

BEATRIZ, entrando

Senhora! Soldados em todas as portas... (Leonor quer sair; Henrique estorva-a).

HENRIQUE

E que tem isso? muito indiscreta sois, senhora D. Leonor de Melo, para assim me deixardes tio descortesmente!

D. LEONOR

Deixai-me, quando não, uso de violência para sair.

HENRIQUE

Que violência?!

D. LEONOR

BEATRIZ! Vai...

HENRIQUE

Não vai, não. Olá, soldados; levem essa mulher, e tenham-na em vigilância

(Executam).

D. LEONOR

Senhor, senhor, tende compaixão de mim!

HENRIQUE

Ora pois: gostei agora dessa metamorfose rápida! Não sabeis, formosa dama, que o coração de Afonso VI é um sacrário de amor, e brandura, e um vulcão de raiva, e violência?! Consultai as fidalgas, vossas contemporâneas, que lições vos podem dar... Bem; como esta casa não é vossa, nem é minha, eu, na ausência do direto senhor, tomo a franqueza de vos mandar aqui sentar.

D. LEONOR

Deixai-me por piedade!

HENRIQUE

Piedade vos quero eu implorar para Afonso VI. Se soubésseis quanto ele sofre... Que incêndio lhe lavra na vida tão preciosa!... Ora dizei, a que aspirais? Assim pondes de resto a amizade de um rei?!

D. LEONOR

Calai-vos, senhor, que não posso ouvir-vos, sem sentir fugir-me o entendimento...

HENRIQUE

Pois então, antes que ele vos fuja, haveis responder-me terminantemente: quereis amar el-rei, ou quereis que ele vos aborreça?

D. LEONOR

Que me aborreça.

HENRIQUE

Pois ele não vos aborrece. Há de possuir-vos ainda que para isso tenha de mover uma guerra civil.

D. LEONOR

Uma guerra civil... Santo nome de Deus!

HENRIQUE

Nos acuda, senhora, quando tão mal encaminhada vai a vossa sorte! Vosso irmão está preso... O vosso pajem, quem sabe onde estará? Talvez cadáver...

D. LEONOR

Que dizeis? Cadáver!

HENRIQUE

Digo que abati o seu orgulho com a ponta deste punhal...

D. LEONOR

Monstro! E ele que mo não disse... Vai, malvado, vai, longe de mim... Hei de vingar-me... Não abuses da minha fraqueza... Hei de vingar-me...

HENRIQUE

Com efeito!

D. LEONOR

Nem uma palavra, infame escravo!

HENRIQUE, apertando-lhe um pulso

Silêncio, mulher; silêncio, D. Leonor... Que já tenho outra linguagem! Não há nada que vos salve de ser hoje de el-rei! As trevas da noite hão de ver-vos passar, e não saberão dizer onde para a berlinda, que vos conduz! Os vossos

gemidos serão gemidos no deserto; e as vossas lágrimas hão de mover-se, como os ventos movem a rocha! Nada vos defende, orgulhosa! O irmão, não, eu to afirmo, que geme, e gemerá debaixo de ferros...

D. LEONOR

Ah!

HENRIQUE

O pajem?... Também não... Que lhe resta poucos momentos de vida...

D. LEONOR

Meu Deus!

HENRIQUE

Então, D. Leonor, já sabeis ao que vim? É preciso acompanhar-me, e já...

D. LEONOR

Nunca... - (Gritos próximos).

HENRIQUE

Estes gritos! Soldados, conduzam esta mulher à minha berlinda...

D. LEONOR, a uma janela

Socorro! Socorro! - (Dois tiros fora).

VOZES

Morra o valido... Morra o valido!!

HENRIQUE

Estou perdido! Soldados, resistência...

CENA ÚLTIMA

Os mesmos, e os Cavalheiros que vimos na conspiração, entrando por todas as portas; lançam-se aos soldados. Agostinho à frente com a adaga desembainhada.

AGOSTINHO, para os conjurados

Suspendei! (Para Henrique) Malvado, eu te conjuro para que me digas a prisão de D. Manuel de Melo...

HENRIQUE

Inda vive... Nos subterrâneos do castelo de Évora...

AGOSTINHO

Poderias morrer com o teu segredo, infame! (Ergue a adaga).

D. LEONOR, ajoelhada ante ele

Perdoai-lhe, que é um miserável escravo!

AGOSTINHO

É um miserável escravo! (Perturbado) E o meu juramento!... (Deixa cair a adaga).

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

O SUICÍDIO

Visita do cárcere do castelo de Évora; com porta férrea comunicável com corredor subterrâneo. Alguma palha, um cepo, uma bilha de água, ao pé de uma porção de pão.

CENA I

D. MANUEL de Melo, levanta-se trôpego: - vozes sumidas

É um sofrer ilimitado! Sempre estas trevas... Sempre estas abóbadas sepulcrais... Sempre este pavimento gelado... Sempre estas algemas... Estas palhas, e a ideia desta morte tão feia... Tão espantosa! Estes ferros tão pesados... Este existir mais pesado que eles... Oh! Que dor! Estala-me o coração... As lágrimas morrem-me nos olhos... Falta-me o ar... Abandonam-me os sentidos... A minha querida irmã... A minha Leonor... A minha vida!... (Como desfalecido senta-se pausa: levanta-se lentamente) Eu tive um amigo... Amava-o como Deus ama os anjos, e adorava-o como os anjos adoram Deus! - e ele... Ele - traiu-me! - calcou o afago fraternal - esqueceu que lhe dei um nome... Que o livrei do lodo da servidão!... O pajem! O filho de pais incógnitos! Agostinho de Ceuta, levantou os olhos para a irmã do seu benfeitor... Recebeu-a nos braços à minha vista, e ousou,

diante dos validos, proclamar o seu vergonhoso amor! Que é feito dela... Que é feito dela? Há três meses que não vejo o dia! Que multidão de horríveis pensamentos a toldar-me a inteligência! Quem sabe se nos braços do rei déspota... Nos braços do servo traidor, ludibriada... Escarnecida... Desprezada... E talvez banida da nobreza! Justo Deus, se é negra: a sua sorte, matai-me antes, que eu a conheça... Ainda há pouco um sonho horrível... Cuidei vê-la abafar de paixão prostrada aos pés de Afonso VI!... E este infame atormentava-a inexoravelmente com uma vista feroz... Ria-se às vezes com um riso de demónio, escarnecia-lhe a sua defesa, e o seu lamentar! Outras vezes cortava-lhe o choro com um grito medonho!... Ela transia-se de susto... Lançava-lhe uns olhos de piedade... Ia sucumbir à cólera do execrado... Eis que um punhal, e um braço de ferro descai sobre o ombro do tirano... E depois, uma música tão sonora!... Não sei se sonho também! E um canto tão fúnebre... Desperta-me... Afugenta-me este quadro menos horrível no seu fim! E aqueles sons desapareceram... Aquela melodia sumiu-se, e achei-me outra vez nesta atmosfera abafadiça, neste viver horroroso! Irmã da minha alma! Eras tão estranha aos sofrimentos... Tão alheia para

o mundo... Só conhecida pelo teu irmão... Só afagada pelos seus carinhos! Insensato! Ela amava um homem... Amava um pajem!... Queria denegrir os meus brasões com o nome do incógnito... Queria que o pajem fosse chamado esposo, e nem sequer com as lágrimas nos olhos me disse que amava! Infamou-me... Atraiçoou-me, e votou para a minha morte! Irmã, que eu tanto amava, delícias da minha vida, levaste-me à sepultura! Não me pesam estes ferros, não me congelam estas abóbadas... Nem me atormentam estas trevas... É a tua ingratidão, mulher, a tua ingratidão! Amaldiçoada sejas tu... Foste o meu suplício... O meu inferno! Mas... Que delírio! Escravo das paixões sou eu... Já senti a violência do amor... A cegueira, a fraqueza do coração! Quem sabe se ela em vão se quis vencer! Quem sabe se a paixão suplantou o raciocínio!... Quantos suspiros lhe custaria aquele amor! Triste condição do nosso espírito! Oh! Se eu a visse agora tão extremosa, como a vi; tão consoladora como a experimentei nas minhas paixões... Tão nobre como no momento em que rasgava a carta do rei... Tão espirituosa e amante, como nessa hora aziaga em que se lançava nos braços de Agostinho de Ceuta! Que

repugnância sinto com este nome! Se a visse... Perdoara-lhe e fizera cair-lhe no seio lágrimas de irmão...

CENA II

D. MANUEL, e o CARCEREIRO

CARCEREIRO

Deus vos guarde, senhor. Parece que vos vejo mais animado que ontem!

D. MANUEL

Sim, dizeis a verdade. Estou mais animado que ontem para morrer...

CARCEREIRO

Deus há de fazer o melhor... (À parte) Que impressão tão dolorosa me fazem os padecimentos deste homem! (alto) pois parece que há razões para sofrerdes menos...

D. MANUEL

Acaso sabeis da minha irmã?

CARCEREIRO

Não conheço vossa irmã, nem tive ainda o gosto de vos conhecer; e bem ingrato sois em ocultar o vosso nome a quem tanto de afeição vos tem!

D. MANUEL

Sois um bom homem! Dizei, porque devo sofrer menos?

CARCEREIRO

Porque tendes música na vizinhança.

D. MANUEL

Música?!

CARCEREIRO

Sim: - entrou ontem à noite para aquele subterrâneo um rapaz ainda novo, bem apessoado, e trazia um bandolim. Vê-lo aí, que, em lugar de cair na melancolia, como vós, Logo hoje começou a tocar e a cantar com grande gosto!

D. MANUEL, recordando-se

Não me enganei... Foi o canto, e o som, que me despertaram do sonho!... E não sabeis o nome desse infeliz?

CARCEREIRO

O que sei é que veio à ordem de el-rei, e tanto basta. Vamos ao que importa... Ai que ainda tendes o pão todo! Vede se comeis, porque é melhor sair vivo daqui a vinte anos, que, morto, amanhã... Estais tão pensativo! Cobrai ânimo, tende espírito como o vosso vizinho. Ora isto! Quantos aqui têm estado por ordem de el-rei, e todos saem mais tarde ou mais cedo... Ânimo, ânimo, e até logo (Sai).

D. MANUEL

Afonso VI, Afonso VI, que época tão sanguinosa perpetuou o teu reinado! Flagelo de portugueses! Que gemidos não vão por essas masmorras, que desterrados por esses - sertões! Debaixo da tua prepotência, o pai não pode contar com o filho, o irmão com a irmã, o esposo com a esposa! Quantos amantes tem aniquilado o teu zelo infernal e a tua nefanda dissolução! E serás tio criminoso impunemente à face de Deus, e dos homens! Não gemerás coberto de miséria, como eu gemo, carregado de ferros como eu, sujeito ao cutelo do algoz, como eu estou à tua vingança! Oh! Se este coração não lisonjeia a própria dor, eu te juro que tens de tragar os amargores das masmorras, e os ferros do condenado!... Tiranos do trono, déspotas da terra, presas do inferno! Os oprimidos sofrem até ao penúltimo órgão do sofrimento! Quando a seiva do despotismo lhe ameaçar a derradeira fibra, tremei, ó reis, tremei, validos, que a sua cólera fulmina como o raio, os seus gritos são de estertor, sanguinários e pavorosos... O seu sangue flui em torrentes, e sobre elas os tronos flutuando vão de encontro

a cadáveres despedaçar-se! Perto de mim há uma vítima... Um desgraçado como Manuel de Melo, e quem sabe se ainda mais! Porque padecerá?! Talvez cavaleiro de nome e serviços que tivesse uma irmã... Imolada à luxúria do rei devasso... Talvez amante, que ainda é mais, roubada aos seus olhos... Longe dos seus suspiros, desenlaçada dos seus braços, esta hora talvez... (Ouve-se o prelúdio do bandolim). Ei-lo...

Canto

Beatriz, Beatriz, eu perdi-te!

Onde estás... Nunca mais te verei!

Carregado de ferros de amor,

Bem mais duros que os ferros d'el-rei.

Eras minha! Já dado me havias

Coração, alegria e prazer!

Mas el-rei invejou-me a ventura,

Para gozar-te, mandou-me morrer!

Justo Deus! Maldição sobre o rei,

Prepotente, cruel e Inumano,

Que escarnece dos povos a lei,

E sobre eles calcou tão tirano!...

D. MANUEL

Lamenta uma mulher, que havia encher de doçura a sua vida! - uma parte da sua alma, que lha usurpou o monstro coroado, o espectro horrível, que vai ao centro das nossas famílias gravar o ferrete da desonra na virgem recatada, na esposa prometida!... Foi uma voragem, que lhe rebentou debaixo da sua felicidade... Devorou-lha, morreu-lhe a esperança, e o resto dessa existência desbotada, e ressequida, há de sumir-se-lhe pelos ângulos destas rochas... E ela! Coitadinha! A pomba empolgada pelas garras do falcão, lá vai gemer longe dos seus, cheia de terror, e de desonra, e de vergonha! “Justo Deus! Maldição

sobre o rei! " - dizia ele... Mas, ah! Que a vingança de Deus é tão tardia! O corisco celeste não fulmina o monstro, e os crimes seguem-se, e ligam-se, como os feitos de uma raça ignominiosa! (Ouve-se ao longe uma pancada forte).

VOZ, dentro

Quem bateu?

VOZ, dentro

Da parte do Santo Ofício.

D. MANUEL

Da parte do Santo Ofício! Talvez alguma intriga! Não pode ser... Eu sou seu familiar!... Grandes coisas se têm passado!

CENA III

D. MANUEL, AGOSTINHO de Ceuta, e depois o CARCEREIRO

AGOSTINHO

Que horror! (baixo).

D. MANUEL

Talvez o meu verdugo...

AGOSTINHO

Não é o vosso verdugo...

D. MANUEL

Esta voz...

AGOSTINHO

É a do vosso pajem Agostinho de Ceuta.

D. MANUEL

Agostinho de Ceuta! - esse malvado vem exacerbar minha dor à profundidade da terra?!

AGOSTINHO

Meu Deus... Ele está demente! (baixo).

D. MANUEL

Fala, traidor! - a que vens?

AGOSTINHO

Está iludido... Acaso pensará que...

D. MANUEL, aproximando-se

Responde, responde àquele que te fez homem de nome, e te deu armas, elmo, e capacete! Responde àquele que te deu o coração, e os seus mais misteriosos sentimentos! Responde àquele, que te chamava amigo de alma, e que te explicava o riso, que lhe esvoaçava nos lábios, e as lágrimas que lhe despontavam nos olhos! Responde àquele que atraiçoaste; - ao irmão traído de D. Leonor de Melo!

AGOSTINHO

D. MANUEL, basta... Por compaixão...

D. MANUEL

Pajem, a que vieste?

AGOSTINHO

A dar-vos prazer.

D. MANUEL

Prazer do inferno! A que vieste, pajem?

AGOSTINHO

A dar-vos liberdade.

D. MANUEL

É a liberdade que dá o algoz ao laço do condenado...

AGOSTINHO

Senhor D. Manuel, a vossa razão está alterada. Esmagai meu coração; mas deixai com vida a pureza dos meus sentimentos... Esmagai-o, que pouco afã haveis mister para isso; mas deixai-o primeiro arrancar os espinhos, que lhe cravais tão pungentes....

D. MANUEL

Ah! Pajem, pajem, que assim profanas a honra e a pureza de sentimentos! Onde está a honra naquele que esqueceu o sagrado direito da hospitalidade, o direito mais sagrado do amigo, para lhe roubar os carinhos de uma irmã, que era o matiz da vida do atraiçoado - que era uma luz consoladora nas trevas de uma vida desgostosa e uma gota de água num deserto abrasador! Pajem! Onde está a tua pureza?! Tu ias com mão alçada denegrir a glória dos meus passados... Ias lançar um véu negro sobre os meus brasões, e sepultar no esquecimento o nome dos Meios... Pajem! Onde está a tua pureza?

AGOSTINHO

Na minha justificação.

D. MANUEL

Como é que se justifica o amante, que recebeu nos braços a sua amada, em face do próprio irmão?!

AGOSTINHO

Explicando a simplicidade, e a inocência desse acto.

D. MANUEL

Inocência! Diz cá, homem, não sabes que eu também tive paixões, que também amei, que conheço a inocência de um abraço?! - Ofendes-me, e escarneces-me...

AGOSTINHO

D. MANUEL de Melo, não sei que inspiração íntima me manda ser tão sincero como orgulhoso neste momento! Eu não tenho palácio, nem brasões; mas tenho um coração como o vosso: - não tenho retratos, nem lanças dos meus passados: mas tenho uma corda no coração, cujo som corresponde a outro igual, que tendes afinada pela. Mão do mesmo artífice. Eu, e vós somos dois homens, que lançados num sertão, depois do nosso nascimento, em tempo algum diríamos um ao outro: - eu sou nobre, tu és plebeu: eu abri

os olhos entre os damascos, e as sedas dos palácios, e tu, entre os boréis, e as palhas das cabanas”. D. Manuel, do nobre ao plebeu vai a diferença do regato pobre e manso, ao rio caudaloso e bravo: - a água é a mesma; a diferença está na placidez de um, e na arrogância do outro. Há um grande mar, onde as aguas se confundem; há uma eternidade, onde as hierarquias desaparecem... Eu amava D. Leonor de Melo, porque minha alma era mais nobre que as minhas insígnias, e se divorciara com os preconceitos do mundo. O coração me estale nas cavidades do peito, se neste amor de pajem para fidalga, caiu a nódoa da malignidade, e o sentimento da impureza! Era um amor monótono através de uma existência imaculada, um amor sem triunfo, qual árvore, que conserva as folhas em toda a vida sem produzir um fruto! Eu tinha confiança bastante na minha honra para temer uma alteração vergonhosa no meu carácter. Nunca vos pintei o quadro do meu coração, porque sentia uma barra de bronze sobre o peito, e as vozes morriam-me na garganta... - morriam, porque vos conhecia possuído de prejuízos, e incapaz de ouvir, a sangue-frio, uma confissão ingénua do plebeu, do aviltado, do desprezado, do condenado com o ferrete da

insociabilidade. Entendi, que os meus sentimentos não eram sentimentos; que o meu coração não era coração; que o meu amor era uma coisa sem nome, desconhecida para o homem sem nobreza; que... Era um monstro produzido no filho de pais incógnitos. Mas este pária. Da sociedade, Agostinho de Ceuta, não era capaz de uma traição! As explosões, que lhe rebentavam no peito, quando via deprimida a honra de D. Leonor de Melo, eram involuntárias ilusões do instinto, que se julgava habilitado para o amor... Aquele transporte, que testemunhastes, e que me traz o labéu de traidor, foi resultado de duas impressões, que gladiam - a do amor, e a da raiva! - Se eu visse D. Leonor de Melo nas aras nupciais com um cavaleiro... Eu folgara por instantes na sua felicidade, e iria depois finar-me de dor, e de tormento nas lavas do amor... - mas... Nos braços de Afonso VI prostituída... Gozada... Perdida... Oh! Nunca, ainda que a vossa vontade o determinasse!

D. MANUEL

AGOSTINHO, não me ofendas! A minha vontade... Disseste tu... A minha vontade! Não vês estes ferros, estas rochas, são a prova da minha honra...

AGOSTINHO

E estas palavras o são da minha pureza. D. Manuel, que me resta fazer para recuperar meus créditos?

D. MANUEL

Um perdão para as minhas injustiças, uma desculpa para a minha fantasia... E...

AGOSTINHO

Dizei, que me resta?

D. MANUEL

A constância da vossa honra... Mas D. Leonor minha irmã onde existe?

AGOSTINHO

Livre da desgraça, e protegida pelo dever de pajem, e não de amante.

D. MANUEL

Livre da desgraça! (Lança-se-lhe nos braços). Ah! Dá-me o gosto da vida, livra-me das margens da sepultura!...

AGOSTINHO

Prestes, prestes, senhor; é precisa a vossa liberdade... Já, já, que mais tarde sereis vítima do furor de el-rei, ou dos privados. Vossa irmã está no mosteiro das religiosas da Madre de Deus. Roubei-a ao valido Henrique de Miranda, no extremo momento de a salvar: está salva, D. Manuel, e vós também o estais... (Introduz-se no corredor subterrâneo, e tange uma sineta).

D. MANUEL

Oh meu Deus, meu Deus, que sublimes são vossos mistérios!

AGOSTINHO, volvendo

Depressa a vossa liberdade... (Entra o carcereiro). Homem, a chave daqueles cadeados?

CARCEREIRO

Senhor...

AGOSTINHO, com a adaga em ameaça

A chave daqueles cadeados, ou morres! (Ouve-se estrondo em porta remota).

CARCEREIRO

Senhor cavalheiro... Eu vos empenho a minha vida, que me deixeis abrir a porta... Espero aqui hoje o ministro de el-rei...

AGOSTINHO

HENRIQUE de Miranda?

CARCEREIRO

Sim, sim.

D. MANUEL

Estamos perdidos!

AGOSTINHO

Estamos salvos... Eu não sairei... Esconder-me-ás daqui perto, e logo que ele saia...

CARCEREIRO

Porei em liberdade o preso...

AGOSTINHO

Vamos... D. Manuel, esperança! Meu Deus! Como castigais o criminoso na presença do crime! (Saem).

D. MANUEL

Sinto arfar meu coração como nunca senti! Não é pavor... As forças esvaem-se-me rápidas como a vida... É um agouro tremendo...

CENA IV

HENRIQUE de Miranda, e D. MANUEL de Melo

HENRIQUE, baixo

Que ar tão carregado se respira aqui! Por isso o orgulho nestes lugares perde muito da sua, força... D. Manuel de Melo, está aqui Henrique, de Miranda, ministro de el-rei.

D. MANUEL

Sejais bem-vindo.

HENRIQUE

Tendes conhecido qual a vingança de um rei desacatado?

D. MANUEL

Conheço qual a vingança do déspota.

HENRIQUE

Sabeis que esse novo crime pode perpetuar vosso tormento?

D. MANUEL

Sei, porque o despotismo é ilimitado.

HENRIQUE

E se os vossos tormentos cessarem hoje, deixará de ser déspota Afonso VI?

D. MANUEL

Há de sê-lo sempre, enquanto não justificar a causa dos tormentos porque hei passado.

HENRIQUE

Fostes de encontro aos seus desejos.

D. MANUEL

E ele espezinhou os meus direitos.

HENRIQUE

Os direitos do vassalo, nos gabinetes dos reis, valem tanto como um compêndio de moral nas mãos de um dissoluto. A liberdade dos povos tem força de lei, enquanto é indispensável aos monarcas.

D. MANUEL

Vós o dizeis.

HENRIQUE

Imaginai que já estáveis perfazendo os três dias de oratório, e que vos interrompia um mensageiro a ideia da eternidade para vos anunciar perdão, e vida.

D. MANUEL

Exultava de prazer.

HENRIQUE

E se vos dissessem que algumas condições vos eram impostas para serdes livre?

D. MANUEL

Ouvia-as primeiro.

HENRIQUE

Tal, e qual o vosso estado. Quereis salvar-vos?

D. MANUEL

Quero, salvando a minha honra.

HENRIQUE

E se vos pusessem a honra no prato de uma balança sobre a sepultura, e a vida no outro prato sobre felicidades imensas?

D. MANUEL

Desceria com honra à sepultura.

HENRIQUE

Isso são belas teorias... Estais condenado à morte por haverdes conspirado contra a vida de el-rei.

D. MANUEL

Mentis.

HENRIQUE

Se não respeitasse o vosso estado, cara vos ficaria desonra que me fazeis...

D. MANUEL

Muitas vezes vo-lo disse em público e nunca me pedistes satisfação.

HENRIQUE

Em suma, estais condenado à morte. Fazei com que a vossa irmã passe ao poder de el-rei, e sereis livre.

D. MANUEL

Ide-vos, não o quero ser.

HENRIQUE

A amizade da vossa irmã com el-rei será um mistério, que nunca vos dará desonra.

D. MANUEL

Ide-vos... Estou condenado à morte.

HENRIQUE

E nada vos salvará! A morte é horrível! O tempo descobrirá vossa irmã, e as vossas cinzas na sepultura não obstruirão a vontade do rei.

D. MANUEL

O mesmo: a desonra não baixará às minhas Cinzas.

HENRIQUE

D. MANUEL, decidi; o tempo voa, salvai-vos.

D. MANUEL

Basta de injúrias, malvado! - cumpre as missões do carrasco... Vai, leva a minha cabeça ao teu rei, e reclama a recompensa do teu zelo! Leva-lhe estas vestes tintas de sangue, e as minhas armaduras retalhadas de golpes... O inferno se abra aos meus pés, se esse tirano algum dia conseguir a desonra da minha irmã! Infame! Diz-lhe que, depois de mim, fica uma nação inteira para me vingar... Diz-lhe que há quarenta punhais para proteger Leonor de Melo... Que qualquer dos conjurados tem uma nódoa na sua família, que lha esculpiu esse negregado... Hão de vingar-se, ou esta masmorra há de arrefecer os seus últimos suspiros...

HENRIQUE

Não se vingarão, não. Aqui tens o nome dos teus cúmplices, para te acompanharem ao cadafalso, e experimentarem o alfange dos regicidas...

D. MANUEL

Estão salvos, perverso, estão salvos, assim tu estiveras...

HENRIQUE

Eu desprezo as tuas ameaças, escarneço os teus delírios, e glorio-me na certeza da minha vingança... Que importância dás a Leonor de Melo! Antes a queres contemplar nos braços do pajem?! - queres ver no teu pergaminho uma nódoa, que as façanhas na guerra, e a sabedoria na paz, jamais extinguirão?! Já a viste nos braços do pajem? Já: também eu a vi! Quem sabe se a estas horas... Vou exasperar o teu tormento... Queres saber como eu a encontrei?, oferecendo-lhe a face para um ósculo de servo, achado no lodo da ralé, filho talvez de um vil, rasteiro, e miserável peão!

D. MANUEL

E viste-a dar-lhe um ósculo?

HENRIQUE

Vi, vi, assim tu visses a luz do dia, que não fulge para ti, e o que tu desejas, que tudo morreu antes de o alcançares...

D. MANUEL

Mentes, mentes!

HENRIQUE

Não conheces que tenho sido contigo demasiadamente generoso? Não conheces, que tenho sede de vingança, que tenho o nome do valido, e, sendo necessário, o cutelo do verdugo? Olha cá, miserável, não tremes, quando vês ante ti como a sombra do teu sepulcro, Henrique de Miranda, tão poderoso, como inexorável, que recebeu da tua mão uma bofetada, porque recusou medir-se contigo? Não imploras compaixão... Ao rival, que escarneceste, e repeliste, quando amávamos ambos a D. Mécia de Noronha? E pensavas tu, que o privado do monarca havia sufocar no peito a raiva, nas faces a vergonha, e o punhal no seio?! Ignóbil! Se não fosses hoje uma presa minha, que ninguém me disputa... Se não tivesse como certa uma

morte, que te há de lentamente ralar neste antro... Nestas rochas frias, e broncas... Lenta morte e torturas... Eu fizera já morrer contigo a esperança!... Esperas salvamento? Queres um punhal da terra para tua defesa? Queres uma lança do inferno para me afrontares? Queres palavras do céu para me suavizar, e compungir?... Nem a terra nem o inferno... Nem o céu te protege! Morres... E bem vingado me deixas!... Morres, e não morres hoje, nem amanhã, nem depois!... Imaginas, o que é morrer coberto de miséria... Abatido pela fome, ver morrer primeiro nestes ângulos as vozes moribundas! Chamar a irmã, ver uma rocha... Chamar o pajem, ver um espectro... Verter lágrimas de rancor, e de saudade, e vê-las geladas neste pavimento... Na tua sepultura... Sabes o que é isto? É a vingança do valido, é a raiva, é o ciúme do amante que venceste, é... O preço de uma bofetada!

D. MANUEL

As horrorosas sombras da tua maldade não escurecem a providência de Deus!... Eu serei resgatado...

HENRIQUE

Fanático! Morres na tua inútil crença! Pensas que virá aos subterrâneos do castelo de Évora algum anjo do céu, para te proteger com as suas asas? Insensato! Não sabes que a minha vingança é mais poderosa que o teu Deus? Ruge como tigre, lamenta como sereia, e vê se algum dos teus santos dobra a ponta deste ferro, ou suaviza as algemas, que te roxeiam os pulsos?!...

D. MANUEL

Há homens na terra, que executam as inspirações do Altíssimo, e o vingam das blasfémias dos condenados.

HENRIQUE

Há homens... - queres cá o teu pajem? Queres cá o teu francês?

D. MANUEL

Que fizeste ao meu francês?

HENRIQUE

Conheces-lhe o sangue na ponta dessa adaga?

D. MANUEL

Que fizeste ao meu pajem?

HENRIQUE

O teu pajem?... Matei-o.

D. MANUEL

Mentes, cobarde, mentes!

HENRIQUE

Minto! Quem to há dito... Acaso terás comunicado!... Carcereiro... Carcereiro...

CENA ÚLTIMA

Os mesmos, e AGOSTINHO de Ceuta

AGOSTINHO

Não é o carcereiro: é Agostinho de Ceuta, que aparece ao seu matador.

HENRIQUE

Inferno! Traição!

AGOSTINHO

Inferno? - está esperando a tua alma! Traição? - é o modelo das tuas; mas excede-as no sangue!

HENRIQUE

Deixa-me...

AGOSTINHO

Deixar-te! Há três meses, que te deixei a vida, quando te tive debaixo desta adaga! Lembras-te daquela madrugada, que entraste armado na casa do duque do Cadaval... Que entraste na sala de D. Leonor de Melo... Que lhe puseste guardas nas avenidas dessa casa... Que lhe apertaste assim... Os pulsos, e a mandavas meter numa berlinda, pelos soldados brutais? Lembras-te, valido de el-rei?

HENRIQUE

Perdão...

AGOSTINHO

Perdão, dizes tu! Vil, cobarde! Não tens à cinta o punhal que matou o francês, que feriu Agostinho de Ceuta, e que

nem os santos dobram?! Estás a face com o inimigo, com a mais forte barreiras dos teus crimes... Com o teu algoz, e não o derrubas?! Amaldiçoado! Ainda há pouco impunhas condições de morte àquela vítima... Pintavas-lhe o oratório, o alfange, o patíbulo, a desonra da irmã, e agora... Encontras um verdugo, que te não concede um momento de resolução!

HENRIQUE

Perdoai-me!

AGOSTINHO

Perdoar-te! Não ouves os brados de D. Mécia de Noronha, daquela virgem que vendeste ao prostíbulo do teu rei... Daquela amante que roubaste àquele homem... Daquela filha que roubaste a pais tão carinhosos, que a choram por aí ínfima andeja, a barregã, a cobrir a vergonha do rosto com um véu, que lho não cobre... A vergonha, maldito, a vergonha, que lha gravaste naquele rosto, todo inocência, virgindade, e timidez?...

HENRIQUE

Remorso!

AGOSTINHO

Alma de pedra, pedra de ignomínia! E querias tu viver! Ruge como tigre, lamenta como sereia e vê se os teus demónios torcem a ponta deste ferro!… Ou suavizam o peso deste braço… Não é assim que dizias há pouco àquele homem? Já sabes que o Altíssimo tem homens na terra, para o vingarem das blasfémias dos condenados! Já vês que há um punhal na terra, para defesa de D. Manuel de Melo? Predisseste alguma vez, que este calabouço seria o teu expiáculo? Que os amores de el-rei te cavavam a sepultura nos subterrâneos do castelo de Évora? Que este ar carregado, que te custava há pouco a respirar, havia ser mais insuportável, e deletério, pela putrefação do teu cadáver?

HENRIQUE

Ah! Não me mateis...

AGOSTINHO

Morres... Morres... Que não há aqui uma D. Leonor de Melo, para salvar-te... Morres... Morres! (Ergue a adaga, Henrique foge-lhe).

HENRIQUE

Morro; mas não às tuas mãos!... (Crava-se o punhal) Inferno... In... Fer... No! (Cai).

AGOSTINHO, indigitando-o

Julgou-se! Morreu como devia morrer...

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO QUARTO

O FILHO DE PAIS INCÓGNITOS

PRIMEIRO QUADRO

Espaçoso interior de uma ceia do mosteiro de religiosa da Madre de Deus. -

Oratório, etc. - Grade para o exterior.

CENA I

A Madre Abadessa, Soror Constança da Natividade, e depois D. Leonor de Melo

SOROR, ajoelhada, e orando por um livro

“Espírito Santo, vinde a nós, e enchei os nossos corações do Vosso amor. Nós vos rogamos por toda a Igreja, por este reino, pelo papa, pelo fosso prelado, e por este patriarcado.”

D. LEONOR, entrando

Venho interromper-vos, madre abadessa? Eu ausento-me... Perdoai-me...

SOROR

Não, não, minha filha, antes vos adiantastes a dar-me a satisfação, que eu esperava receber, depois de vos mandar chamar à cela. Acabei agora de rezar a minha oração particular. Então, minha Maria da Nazaré!... Custa-me tanto a dar-vos este nome!... A minha filha, tomara já ver-vos professa para vos dar o divino nome de irmã!

D. LEONOR

Bem cedo será...

SOROR

Para bem da vossa alma, que é muito dócil, e parece que foi amoldada para o serviço do nosso Senhor Jesus Cristo! Tenho lastimado, no fundo do meu coração, a melancolia, que vos definha tanto, tanto! Apenas há três meses que viestes para este mosteiro, vínheis esbelta, corada, e agora estais de todo em todo consumida, como se nestes lugares estivesse o vosso desgosto! Eu parece-me que foi pelo vosso beneplácito que viestes!

D. LEONOR

Foi, foi, minha mãe.

SOROR

Então porque passais o tempo encerrada na cela?! Nunca vos encontro no refeitório, só vos acho no coro, quando se fala com Deus, e logo depois ides de novo para a solidão!

D. LEONOR

São saudades da minha família, que me estremecia muito... Eu amava tanto... Os meus pais, e os meus irmãos!...

SOROR

Ora pois, ainda bem, que tendes um bom coração, que será tão sensível, e meigo, para com os seus superiores, como para com os seus pais. Olhai, Maria da Nazaré, as nossas primeiras obrigações, devem-se a Deus, e as outras aos

pais, ao próximo, e à nossa felicidade, que é a vida futura. A ideia da eternidade cheia de prazeres de espírito, e consolações puramente da alma, deve distrair-nos de qualquer outra lembrança mundana, que será sempre impura. Haveis por certo ver vossos pais, e irmãos, quando estivermos todos a adorar o Criador de todas as coisas, e é então, minha filha, que as nossas celestes vistas se hão de encontrar, e bendiremos reciprocamente o nosso zelo na religião, que só se adquire debaixo destes hábitos, e longe das coisas mundanas e enganadoras.

D. LEONOR

Dizeis bem... Dizeis bem...

SOROR

É, pois, é preciso que a nossa noviça se revista do amor de Deus, e se esqueça do amor do mundo. Deixar ao tempo o esquecimento dele, e voltar-se inteiramente às obrigações do seu cargo, porque daqui a poucas horas será professa, e então mais violento lhe será o esquecimento do temporal,

porque há a certeza de não volver a ele. Vós chorais, minha filha? Isso não é de boa serva .de Deus, e esposa de Jesus Cristo! Eu estou aqui para vos consolar e não para pungir vossos sofrimentos! Orai, orai ao Pai celeste, que vos conforte, e reanime com um raio da sua infinita graça. Ficai-vos sozinha por alguns minutos, que eu vou dar as providências necessárias para a vossa passagem do temporal para o espiritual. Aqui tendes um devocionário, repeti muitas vezes esta jaculatória, que começa: “Meu Deus, fortificai o meu espírito.” Até logo, minha filha. (Sai).

CENA II

D. LEONOR, só: depõe o livro

Meu Deus, meu Deus, fortificai o meu espírito! (Ajoelha). Fazei descer sobre minha alma o esquecimento do passado. Dai-me forças para suportar este golpe tremendo... Que eu possa ao menos morrer na vossa graça... Morrer para o mundo! (levanta-se como transportada) - morrer para o mundo! Não o tornar a ver... Três meses nesta clausura sem uma nova dele... Agostinho... E o meu irmão, talvez já morto, e o meu amor findar no esquife! O minha sorte, que assim és cruel! Não tornar a vê-lo... Pensar com vida neste adeus eterno... Nesta separação eterna... Não posso, meu Deus, não posso! Ver num momento extinta a minha esperança; ao longe o futuro sempre negro, sempre o mesmo futuro... Isto é horrível, meu Deus! Eu verei romper a aurora, verei esconder-se o sol, e sentirei a queda muda dos bagos de areia, na ampulheta da minha vida, cheia de

tribulações! Verei passarem-se os anos pelos ossos da minha face, pelas grades da minha cela, pela tristura de uns hábitos... Os anos... A minha mocidade, e Agostinho... Nunca... Nunca! As minhas lágrimas serão consoladas com a longa oração, com este consolo inútil para o meu espírito, inútil... Oh meu Deus! Eu não posso enganar-vos! Inútil!... Eu não posso esquecê-lo!... Quando elevo o espírito à vossa grandeza, cuido ver nele a imagem do céu, a eternidade dos prazeres, e a minha única consolação... Morreste-me, querido Agostinho, e eu vou hoje morrer para ti! Eu amava-te profundamente... Eu chorava contigo a horrorosa nobreza, que nos separava, e tu... Tão cheio de esperanças, tão enganado pelo coração, mandavas-me esperar o futuro! Eis aqui o meu futuro!... Uma clausura, um hábito, e uma. Cruz! Nem uma esperança me resta de o ver... Que dureza, que desesperação! Nunca mais... Perdi esposo... Perdi irmão... Fechei-me à luz do dia... Às vistas do amante, sem um indício da sua vida, sem uma lágrima dos seus olhos, sem um Suspiro... Sem uma palavra consoladora... Deus Piedoso (ajoelha) foi um crime adorá-lo... Mas Perdê-lo?!... Sem pai, sem irmão, órfã, sacrificada (levanta-se) a uma vida que detesto!... Ninguém me livra deste peso... Morte...

Morte! Rouba-me a lembrança dele... Agostinho, minha vida, meu amor, não me ouves... Morreste... O esquife... Professa... Aqueles sinos... Aqueles hábitos... Aquelas tochas... Livra-me, Agostinho, Agostinho, foges-me, ingrato, eu fico... Ah! (Cai desmaiada).

CENA III

D. LEONOR e SOROR

SOROR

Jesus, Maria, que vejo! Desmaiada! Que cor tão mortal! E o pulso tão abatido! ainda vive... Que farei, meu Deus! Maria, Maria, minha querida filha...

D. LEONOR

Que é dele... Já foi...

SOROR

Já foi... Quem?!

D. LEONOR

Para sempre... Disse ele! Nunca mais me verás! Leonor, esquece-te, se puderes... Não nasceste para mim... A nossa sorte foi desgraçada.. Adeus! Agostinho, meu irmão, vai peregrinar.. O rei desterra-te...

SOROR

Céus! Que ouço... Que mistérios!

D. LEONOR

Se eu pudesse rasgar estes ferros... Rasgar estes hábitos... Hei de ir... Hei de ir... Espera...

SOROR

Santo nome de Maria!

D. LEONOR

Este coração... Não posso votá-lo a Deus... Era teu! Religião... Tudo por ti... Só tu... És o meu Deus, a minha vida... Aqui no céu... No inferno...

SOROR

Oh meu Deus, que padecimentos!

D. LEONOR

Que horror... Que demónios... Que larvas... Ah! (Recuperação do juízo).

SOROR

Minha filha, minha Maria, ponde os olhos naquela cruz!

D. LEONOR

Naquela cruz? Sim... Eu rezo (ajoelha) meu Deus... O meu pai, fortificai meu espírito, perdão, meu Deus... Perdão...

Mas vós ouvistes (para a Soror, e levanta-se) ouvistes? Não sei que foi... Uma dor, um acidente...

SOROR

Estais mais descansadinha?

D. LEONOR

Estou... Deus vos pague. Acordastes-me de um Sonho tão pesado... Tão pesado... Era muito...

SOROR

Era, era, minha filha, sentai-vos: serenai o espírito... Não estáveis de boa razão?

D. LEONOR

Não estava, não; era um delírio.

SOROR

Coitadinha! Sofreis bastante!

D. LEONOR

Sofro... Sofro: sou uma escrava!

SOROR

Uma escrava?

D. LEONOR

Sim, e arrasto sobre espinhos o meu cativeiro! A minha vida está nua de esperanças... Será vida de lágrimas e tormentos...

SOROR

Resignai-vos, Maria; ocupai vossa alma no sublime da religião.

D. LEONOR

Religião... Dizeis vós!...

SOROR

Sim, minha filha; ela é a melhor tábua de salvação, que um desgraçado encontra num mar de tormentas, e tribulações; e quem se não abraçar com a fé e com a religião, no momento das agonias, morrerá desesperado, e não se salvará.

D. LEONOR

Eu hei de salvar-me... Hei de, hei de, com a vossa proteção.

SOROR

Minha filha, a clausura perderia toda a sua santidade, se fosse violenta: estais em tempo de consulta. Se não quereis professar, podeis hoje mesmo sair, se bem que o duque de

Cadaval, quando aqui vos introduziu como noviça, declarou, que se dentro em três meses, não fôsseis procurada, se vos desse o hábito!... Todavia, se quereis sair...

D. LEONOR

Não quero, não, minha mãe; quero... Professar...

SOROR

Mas vós há pouco falastes em Leonor, Agostinho, rei, isso que era?!

D. LEONOR

Eu falei...

SOROR

Falastes; mas seria efeito do delírio... Maria de Nazaré, não tomeis a pensar tão profundamente nas coisas do mundo, para vos não tornar o delírio. Ide, ide preparar a

consciência para a confissão. Aprestai vossa alma para entrar na vida penitente, e no caminho do céu. Recolhei à vossa cela.

D. LEONOR

Ficai-vos com a Virgem, madre abadessa (Sai).

SOROR, só

Há grande mistério nesta noviça! - aqui representam-se as pavorosas cenas de um amor mal gozado, e de sinistras recordações! Bem diz ela, que lhe vai morrer a esperança... Assim lhe vivesse a ventura! A esperança morre lenta, e esvai-se como as horas da vida, lagrimosas e amargas através de uma existência compacta, dura, e atribulada. Vem a morte, e nesse fechar de olhos do moribundo, apaga-se a derradeira faísca... E a laje da sepultura, ali confunde cinzas de cadáver, cinzas de glória, recordações, esperanças... Tudo... Tudo! Quando eu amava... Quando eu nesta cela chorava mais que ela... Bem mais!... Ela falou num Agostinho... Agostinho... Era... O meu Deus!... O meu

filho... Filho da minha alma, e de um rei maldito, que mo usurpou... Mostrou-mo morto, e mandou-me amargar os efeitos da sua ingratidão nesta clausura! João IV! Riso da minha infância, sombra da minha vida, fantasma dos meus sonhos, foste um mau amante!... Mataste o meu filho, o teu filho, para que a minha amizade te não deslumbrasse a glória! Se assim fosse teu sucessor, este rei, por quem peço todos os dias nas minhas orações, e a quem aborreço no fundo da minha alma.... O meu Deus! Perdão... Perdão... Se alguém me ouvisse...

CENA IV

SOROR, a PORTEIRA, e depois AGOSTINHO de Ceuta

PORTEIRA

Senhora abadessa, para aqui se encaminha um irmão que busca falar-vos.

SOROR

Não sabeis que é proibido abrir a portaria a pessoas desconhecidas?

PORTEIRA

Não me deu um momento de reflexão. Disse que vinha da parte do Santo Ofício, e que entraria sem a menor hesitação.

SOROR

Da parte do Santo Ofício! Ele que chega: ausentai-vos.

AGOSTINHO, com hábito de frade

Bendito seja Deus nas alturas, e glória lhe seja na terra. Madre abadessa, eu vos ordeno, que, sem contradição, mandeis que Maria da Nazaré, a noviça, venha a esta cela falar-me.

SOROR, baixo

Santo nome de Deus, que é o retrato de D. João IV!

AGOSTINHO

Perturba-vos a minha presença, madre?

SOROR

Não... Irmão! Quisera eu que me dissésseis quem sois... E os motivos porque vindes... Pois nos é proibido...

AGOSTINHO

É-vos proibida uma infração dos vossos estatutos quando se torna escandalosa... Ainda mesmo que eu não fosse um próximo parente de Maria da Nazaré, não vos recusaríeis ao que vos mando, porque nem sempre nos favorecem as circunstâncias para uma recusa...

SOROR

Mas,.. Dissestes que da parte do Santo Ofício...

AGOSTINHO

Isso foi um pretexto.

SOROR

Então que quereis?

AGOSTINHO

Já vo-lo disse: ficar a sós com Maria da Nazaré.

SOROR

A sós... Mas...

AGOSTINHO

O tempo urge, madre, não menoscabeis o dever da obediência... Terei de empregar a força da vontade?

SOROR

Ides vê-la (Sai).

AGOSTINHO

Minha alma, receio da tua fraqueza para comoções tão violentas! ainda a vejo... Céus! Eu vo-lo agradeço! ainda a

vejo, depois de três meses! Hoje era o último dia do seu noviciado, se uma fatalidade me demorasse...

CENA V

D. LEONOR, e Agostinho

D. LEONOR

Senhor, quereis alguma coisa? (assustada).

AGOSTINHO, graciosamente

Chamais-me senhor?! - eu sou um monge, deveis chamar-me irmão.

D. LEONOR, corre a ele: Agostinho desce o capuz: ela recua, hesita, e lança-se-lhe nos braços

Ah!

AGOSTINHO

Leonor... Leonor... Como têm pesado na tua alma estas horas de martírio... Estes dias de suplício... Sofreste muito, meu anjo, sofreste muito?...

D. LEONOR

Muito, muito.

AGOSTINHO

E não esqueces todos os teus tormentos com o prazer deste instante?

D. LEONOR

E será só um instante?!

AGOSTINHO

Eternamente será... Bem cedo nos braços do teu irmão, teus tormentos em delícias se convertem. Abandonar a pátria... Pouco importa, porque aborrecimento se deve à pátria, que não conhece seus filhos... Sereis felizes em terra estranha; teu irmão conhecerá as venturas do amor fraternal, e eu encherei minha alma de uma amizade escrava de dois entes felizes...

D. LEONOR

Então não nos segues?!

AGOSTINHO

Eu vos seguirei com o coração...

D. LEONOR

Antes diz, que não sou amada...

AGOSTINHO

Leonor, amar-te eu, Leonor, é lançar a luva no circo da nobreza, onde se rivalizam grandes fidalgos na posse da tua mão. Eu lancei a luva a esse monarca, porque de uma parte pleiteava a honra, e da outra a devassidão. Essa luva ainda está por terra, e a mão de Afonso não a ergue, porque lhe não cumpre despegá-la do cetro, que lhe vacila mal firmado. Porém, declarar-se o pajem amado de D. Leonor de Melo, é ostentar-se nobre sem o ser, mostrar-se desprezível porque o é, traidor porque lho chamam...

D. LEONOR

Traidor! Quem a tanto se atreve?

AGOSTINHO

O teu irmão, D. Leonor, que direito para isso tem. Eu só tenho o coração a proteger-me, o coração... Que se não conhece: sou fraco, fraco é o homem que ama... Já fui forte, quando os meus dias passavam ledos lá nas batalhas, depois fui escravo, porque Leonor se escravizara. Houve duas ideias grandes, e inimigas: aqui (mão no peito) estava

a honra com as suas vestes severas, e pavorosas, a sombrear-me as risonhas galas do amor... Via-te, e cada momento, sentia um fluido ardente calar-me as veias. Levantei os olhos para os teus brasões; vi castelos, lanças, mitras, arneses, e escudos; mas não vi um coração. Olhei para mim: - vi um coração, e não vi mais nada. Lágrimas nas faces, suspiros nos lábios, convulsões no peito e vermelhidão no rosto, eram, Leonor, tácitas confissões do coração, e troféus do amor, que lutava, e vencia a ideia da baixa condição. Esta ideia era nobre...

D. LEONOR

Sim, sim, nobre...

AGOSTINHO

Nobre era aquele sorriso animador, que trocavas pelo meu pranto! Era um refrigério, que mitigava os baldões, que me referviam na inteligência livre, e no coração escravo; era estrela de alva, a desassombrar-me das trevas da noite, era uma fonte para viageiro, que arde num torrado sertão; era

uma tábua para o náufrago em mar tormentoso! E ao cabo destas lágrimas, destes risos, destas convulsões, destes suspiros, eu, sem o teu amor, era um coração ferino, um espectro de túmulos, e os meus risos seriam horríveis, e hediondos, os meus suspiros áridos, como a. Atmosfera do Orco, as minhas lágrimas ardentes, como vagas de veneno, e os meus arquejos medonhos, como as convulsões do terramoto!

D. LEONOR

AGOSTINHO... Intimidas-me...

AGOSTINHO

Bem sei, Leonor: - sou o teu flagelo. Sofres muito porque amas um pajem, e este pajem sofre porque deve sofrer... Não te horrorizem minhas palavras: elas são acres como a minha baixeza, e ásperas como a minha paixão: não há doçura de sentimentos no azedume da vida... A ideia do amor neste coração é raio de sol, que, a furto, rompe a camada das nuvens. Houve um tempo, Leonor, que o

terreno da minha vida não era todo espinhos: havia ainda um acanhado espaço, um vazio, onde guarecia as feridas dos espinhos, e onde vicejavam minhas lágrimas; e hoje espinhos é tudo, porque morreu a esperança, como a lua, que se esconde ao homem perdido por entre as trevas de um bosque. Foi tesouro caído nas voragens do pego... Esperanças para o céu... Dissaboridas esperanças! Esperanças para o inferno...

D. LEONOR

Não blasfemes... Olha aquela cruz...

AGOSTINHO

Aquela cruz... É uma cruz, e eu... Sou um homem.

D. LEONOR

AGOSTINHO, a razão foge-te...

AGOSTINHO

Não foge, não: - cravada está nos espinhos da honra.

D. LEONOR

E já não há uma esperança?...

AGOSTINHO

Haverá, porque a esperança é um tormento para mim...

D. LEONOR

Há de findar esse tormento, eu o juro. Hei de amar-te... Hei de, Agostinho, enquanto viver. Hei de amar-te pajem, como te amara rei... A todo o tempo...

AGOSTINHO

Eu serei um pajem.

D. LEONOR

Sim; mas meu irmão...

AGOSTINHO

Será sempre um grande do reino.

D. LEONOR

Pois sim; mas eu...

AGOSTINHO

Serás sempre irmã desse grande.

D. LEONOR

Basta, Agostinho, por piedade! Nunca te vi tão descoroçoado... O teu amor... O teu amor tem arrefecido.

AGOSTINHO

O meu amor arrefece... O meu amor é gelo... O meu coração é neve, Leonor? Queres palpar esse gelo... (leva-lhe a mão ao peito) queres-te esfriar nessa neve? Põe a mão sobre este peito... Não sentes arfar aí uma cratera... Não vês as chispas das lavas a cintilarem-me nos olhos?... Não vês as palavras, que daqui fogem, a abrasarem-me os beiços?... Eu não te amo, Leonor?

D. LEONOR

Perdão... Eu sou muito injusta...

AGOSTINHO

Ah! - deixa-me recordar daqueles dias de delícia tão saboreados, e doces na fantasia, e tão amargos no coração... Que venda tão suave cobria minhas pálpebras!... E quando os dedos mágicos da tua alma levantavam esse véu de lisonjas, eu via um horizonte de candidez, e venturas, e nem uma névoa de sinistro agouro maculava a minha felicidade! E hoje, Leonor, vejo o nascente turvo, e assombrado, e o poente, orlado de arrebóis, que me trazem

a ideia do sangue, o sangue do amante, e o amante na sepultura...

D. LEONOR

Foge dessas recordações que me angustiam...

AGOSTINHO

Deixa-me recordar... O nosso amor, os nossos primeiros afetos lembram-me como sonho de felicidade, a atormentar-me com a possibilidade de ser feliz... Antes de te amar... Antes de te amar, disse eu!... - eu já te amava no caos, no berço, e no pensamento! - mas antes daquele amo-te que me sufocou três vezes, e cobriu de púrpura o rosto do pajem... Sabes qual era o prazer da minha vida? - era o clangor das turbas guerreiras, o relinchar dos ginetes, o travar das lanças, o estalido das espadas, os trons do ferro, e o fragor da guerra! Minha alma expandia-se aí, e a minha respiração nunca foi cortada por grito de moribundo!... E hoje o guincho da ave noturna faz-me trepidar, porque é um agouro, e tem um eco na minha alma, que diz amor! A

guerra tem outro, que diz morte! - A vida tem outro que se reproduz horrivelmente, que diz pajem... - e o amor, e a morte...

D. LEONOR

Não posso mais...

AGOSTINHO

Recordações, ide-vos, que me pesais no íntimo fio da vida! Leonor, eu te juro, que tenho alma, e corações escravos: - se tu pudesses resgatar ao infeliz pajem esses dotes, que eram o seu património... Se lhe desses aquela alegria de jovem, aquele orgulho de homem de batalhas... Aquele prazer... Mas tu não tens prazer; a tua vida é uma taça de amargor, que eu faço transbordar... Perdoa-me, Leonor, perdoa ao louco! Dá-lhe um olhar de comiseração... Dá-lhe um suspiro doloroso como os seus suspiros... Que o pajem não ambiciona mais...

D. LEONOR

Fugiremos para um deserto, onde a nossa tranquilidade, e o nosso amor, se livrem dos vexames da nobreza, e do egoísmo...

AGOSTINHO

O remorso, Leonor, punge nas cidades, e nos desertos: o amor não é bastante distração para nos Livrar deste cancro roaz, que dilacera...

D. LEONOR

Remorso! - tens remorso de amar?!

AGOSTINHO

Tenho remorso de trair. D. Manuel de Melo, errante por essa cidade, bradaria contra o usurpador da sua irmã. O nome do pajem seria pronunciado com horror, e ouvido com horror! O teu irmão surgiria um dia, demente, furioso... E

nesse deserto... Leonor, nesse deserto, que eu estivesse embebido nos teus carinhos... Se me lá chegasse a infausta nova... Tu perderias o esposo... E a tua vida como seria? Negra como a minha alma... E a tua morte? Desastrosa, e atribulada como a vida que vivo!

D. LEONOR

Ah! Deixa-me... Antes me deixa... Já vejo que o meu destino é atroz, e será sempre assim...

AGOSTINHO

E querias que te eu deixasse, Leonor? Oh! Não... Eu seguirei teus passos, e beijarei os teus vestígios. Vida, que no ralador das paixões se esvai, tem uma lousa erguida onde os átomos agridoces da existência lá se vão caindo. Pois bem, erga-se essa lousa. A última contração do apaixonado, é a paixão purificada... Morre-se: - pois bem, seja teu esse último suspiro. Morre-se... Aí está um cadáver... Apontai-o... Esculpi-lhe uma linha inglória... Uma palavra... - amou - e nada mais...

D. LEONOR

AGOSTINHO! Meu amor!

AGOSTINHO

Leonor... Leonor... Tu serás minha! (Abraçam-se).

Voz, fora

Manda el-rei, nosso senhor, que Deus guarde, que, hoje às três horas da tarde, amplos, e abertos sejam todos os claustros deste mosteiro, para se proceder a uma vistoria, tendente a negócios do seu real estado.

AGOSTINHO

Hoje... Às três horas da tarde!

D. LEONOR

Livra-me, livra-me, Agostinho! - (Dão duas horas).

AGOSTINHO

Só falta uma!

D. LEONOR

Livra-me, livra-me, pelo teu amor!

CENA VI

Os mesmos, e SOROR

SOROR, aflita

Irmão! Meu Deus! (reparando) que é cavalheiro! (à parte) senhor, estes pregões... Que é isto... Vós o sabeis... Vós quem sois...

AGOSTINHO

Sou um desgraçado, senhora.

SOROR

Dizei... Dizei que é isto? Acaso sabeis...

AGOSTINHO

Sei-o, como sabe que morre o padecente à vista do cadafalso!

SOROR

Explicai-vos, senhor, que é isto?

AGOSTINHO, pegando-lhe do braço

Senhora, prometeis proteção para esta infeliz! Prometeis livrá-la da desonra?

SOROR

Que dizeis!... Prometo, sim.

AGOSTINHO

Esta desventurada não é Maria da Nazaré, é irmã de D. Manuel de Melo.

SOROR

Ah!

AGOSTINHO

A sua honra é procurada pelo rei, nos palácios, nos mosteiros, e nos altares...

SOROR

Salvemo-la, salvemo-la...

D. LEONOR, de joelhos

Minha mãe...

AGOSTINHO, o mesmo

Nossa. Protetora...

SOROR

Não é tanto... É o meu dever. Senhora, eu vos salvarei... Mas, o tempo foge... Vós saí, e ela... Está salva. Às três horas não faltareis à porta do templo.

AGOSTINHO

À porta do templo... Mas...

SOROR

Não hesiteis... Ide, qualquer demora pode perdê-la.

AGOSTINHO

Frei... Irei. ainda mais este lance! Leonor, confiança nesta protetora das vossas venturas (para Soror). Sois uma divindade: - a mão de Deus a manter o direito das suas criaturas! Soror, Leonor, às três horas (Sai).

CENA VII

D. LEONOR, e Soror

SOROR

D. LEONOR de Melo, eu devia merecer-vos mais confiança, para fazerdes mistérios do vosso nome, e dos vossos sofrimentos! Tanta afeição... Tanta amizade... Mal ma recompensastes...

D. LEONOR

Perdoai-me... Eu não podia... Receava muito...

SOROR

Que debaixo destes hábitos não houvesse um coração de mulher, não é assim?

D. LEONOR

Eu respeitava-vos, e venerava profundamente vossa superioridade.

SOROR

Inda eu agora mais respeito a vossa perturbação. Só vos direi com as lágrimas nos olhos, e com uma dor já sopitada e dormente neste peito, que, se me houvésseis descoberto a causa dos vossos tormentos... Se me falásseis no amor... As minhas simpatias, e consolos ser-vos-iam mais gratos que os preceitos religiosos... Que exacerbam....

D. LEONOR

O amor... Talvez...

SOROR

Talvez que eu fosse uma sua vitima, não é o que quereis dizer? Amei, D. Leonor, amei, e hoje amo e odeio. Amo as sombras dos meus transportes; amo as recordações do passado; amo idealmente: é um amar terrível! Odeio, ah! Com que ódio? Com ódio de mãe, a cujos braços roubaram um filho, para o sacrificarem aos créditos da coroa! Odeio como a filha roubada aos carinhos de uma família para fazer a ventura de um amante, por alguns dias pequenos, e fugitivos, e para gemer o resto deles longos, e tenebrosos, no antro desta clausura!

D. LEONOR

Também sofreis muito... Sofreis amor de mãe...

SOROR

Amor, que me abrasa! Se ele vivesse, seria hoje da vossa idade! Belo como seu pai... Sensível como sua mãe... Mas... A minha filha, morreu.

D. LEONOR

E ele, o pai, o vosso amante...

SOROR

Amante! - não o podia ser, que era rei... - era rei... Não podia ser pai...

D. LEONOR

Rei!... Talvez o maldito!

SOROR

Maldito, não, D. Leonor, não era maldito... Era. Um bom rei; mas um mau amante...

D. LEONOR

Senhora, resignai-vos...

SOROR

Assim vos dizia eu há pouco, e vós choráveis... Agora sou eu a que choro...

D. LEONOR

Suspendei o pranto... Eu vos imploro.

SOROR

Dizeis bem: é preciso que a amargura outra vez adormeça. Eu já sinto a profundidade dos golpes neste momento de saudade, e agonia... Quero esquecer-me, ou a existência me será retalhada em breves instantes!... Vamos, filha, vamos a cumprir a promessa da vossa protetora, e a afrontar a maldade do rei: eu, mais que ninguém, devo proteger-vos, que já experimentei o azedume dos amores de um monarca. D. Leonor, vamos.

SEGUNDO QUADRO

Vestíbulo do templo do mosteiro. Porta espaçosa e fechada de maneira a deixar, depois de aberta, ver grande parte do Interior.

CENA I

AGOSTINHO de Ceuta, e depois o CONDE de Castelo-Melhor

AGOSTINHO, passeando no átrio: braços cruzados

Ei-las: daqui a momentos, Leonor estará salva, e salva... Para quem?... Sacrifício com doçuras, crime com virtudes, paixão com regozijo - eis aqui o meu viver de tantos anos! - é urna vida singular! (com atenção) - aquele cavalheiro... É o conde de Castelo Melhor... Retirar-me é impossível: devo esperar.

CONDE

Reverendo! Sabeis que horas deu o sino deste mosteiro?

AGOSTINHO

Três.

CONDE

Sois capelão desta casa?

AGOSTINHO

Não.

CONDE

Tendes entrada nela?

AGOSTINHO

Tenho.

CONDE

Sabeis se há três meses a esta. Parte tem entrado aqui alguma noviça?

AGOSTINHO

Foi talvez sorteada para o serralho de el-rei?

CONDE

Que dizeis?

AGOSTINHO

Nada... Estava a gracejar.

Vozes, longínquas

Morram os validos! Viva D. Pedro II!

CONDE, temeroso

Sabeis que é isto, padre?!

AGOSTINHO

Sei: - é uma conspiração.

CONDE

Conspiração! - poderei livrar-me, padre, podereis livrar o valido de el-rei?

AGOSTINHO

Olha, conde, queres passar pelos revolucionários sem ser conhecido, como eu passei por ti?

CONDE

E tu fugias de mim?!

AGOSTINHO

Se tivesses encontrado o pajem de D. Manuel de Melo, a fugir aos perseguidores, que lhe fazias?

CONDE, reconhecendo-o

O pajem de D. Manuel de Melo!

AGOSTINHO

Sim: - eras capaz de te despojares desse manto, mascarado de crimes, e cobri-lo a ele para fugir à morte?

CONDE

Talvez fosse... Não te ofendia.

AGOSTINHO

Nem eu te ofendo. (Tira o hábito, e mostra-se completamente armado, como pajem). Aqui tens este hábito, salva-te, que a tua vida escorrega na ladeira dos

teus crimes... Vai... Daqui se avizinham os cavalheiros (O conde sai).

CENA II

AGOSTINHO, D. MANUEL de Melo, e o DUQUE de Cadaval

D. MANUEL, ansioso

AGOSTINHO, minha irmã está livre... Das portas da cidade já soam os gritos dos conspirados. O conde de Pombeiro aí está à frente de três mil homens. O infante marcha para o paço. Afonso vai ser preso... (Toque a professas).

AGOSTINHO

Este toque...

CENA ÚLTIMA

(Abrem-se as portas do templo)

Os mesmos, D. Leonor de Melo, ante um altar, à direita com hábitos de professa. A Madre Abadessa, Freiras com tochas, e Padres ocupados no cerimonial correspondente

SOROR

D. LEONOR de Melo, no século, e Soror Maria da Assunção no espiritual: Irmã, morreste para o mundo! Bem-vinda sejas a desposar Cristo... - (Órgão).

AGOSTINHO, arrebatado

Que disse ela? Morreu para o mundo! Traição, traição! (Entra no templo). Suspendei, ministros do inferno, suspendei!

SOROR

Sacrílegos! Não mancheis este templo com os vossos pés! Blasfemos... Malvados... Não profanem a. Casa do Senhor! Meu Deus, defendei a vossa esposa das garras de Satanás!

AGOSTINHO

Mulher! Que me prometeste... - disseste-me que a salvavas... Fúria... Mulher... Dá-me Leonor de Melo!

SOROR

Vós sois aquele que há pouco...

AGOSTINHO

Que há pouco traíste!

SOROR

Não trai, não... Está salva.

AGOSTINHO

Leonor!

D. LEONOR

AGOSTINHO... Agostinho! (Corre-lhe aos braços).

D. MANUEL

Minha irmã, os braços do vosso irmão... Foram desprezados!... Pajem, pajem!...

AGOSTINHO, repudiando-a

Longe, longe... Esqueci-me... A paixão cegou-me... D. Manuel, perdão! Aí a tendes. O pajem está satisfeito em a salvar... Ela não lhe pertencia... (com profundo sentimento).

Duque do Cadaval

Pertence, pertence. Silêncio: - Agostinho de Ceuta, tu és filho de D. João IV (Vai a Soror, e dá-lhe um pergaminho).

D. LEONOR

Meu Deus!

D. MANUEL

Que ouvi!

SOROR, que acabou de ler, e perturbada

Ah! Meu Deus! - é ele...

DUQUE

D. LEONOR de Melo - aí tens teu esposo!

D. LEONOR

Meu esposo... (Cai-lhe nos braços).

SOROR, como delirante

Não posso... Que vergonha... Ele... Ele... O meu filho... Ah! (O mesmo que D. Leonor).

DUQUE

D. MANUEL de Melo! - Os brasões do pajem estavam escritos nas suas ações: não te maravilhe o seu nascimento, que a sua honra mais é para admirar... Os mistérios de Deus são verdades claras, quando o homem carece de luzes (aponta para o altar).

AGOSTINHO tem ajoelhado - com Soror e D. Leonor, na posição, em que as recebeu, e após ele ajoelham todos.

GRITOS REMOTOS

Viva D. Pedro II rei de Portugal!

FIM